

**DANILO SILVA**

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA A PARTIR DE  
GRANDES MESTRES DO ISLAMISMO MEDIEVAL: AVERRÓIS E IBN ARABI DE  
MURCIA**

**ALFENAS/MG**

**2024**

**DANILO SILVA**

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA A PARTIR DE  
GRANDES MESTRES DO ISLAMISMO MEDIEVAL: AVERRÓIS E IBN ARABI DE  
MURCIA**

Dissertação apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas/MG. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica  
Orientador: Luiz Eduardo da Silva.

**ALFENAS/MG**

**2024**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas Biblioteca Central

Silva, Danilo.

Contribuições para o ensino de História e Filosofia a partir de grandes mestres do islamismo medieval: Averróis e Ibn Arabi de Murcia / Danilo Silva. - Alfenas, MG, 2024.

86 f. : il. -

Orientador(a): Luiz Eduardo da Silva.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Filosofia Medieval. 2. Islamismo Medieval . 3. Averróis . 4. Ibn Arabi.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

DANILO SILVA

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E FILISOFIA A PARTIR DE GRANDES MESTRES  
DO ISLAMISMO MEDIEVAL: AVERRÓIS E IBN ARABI DE MURCIA

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do tulo de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 10 de outubro de 2024.

Prof. Dr. Luiz Eduardo da Silva

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. Adriana Vidotte

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG-GO)

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG-PB)



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Eduardo da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 11/10/2024, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site\_ [https://sei.unifalmg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifalmg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1357841** e o código CRC **BBFC3763**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais por sempre acreditarem que só poderíamos modificar nossas vidas através da educação, obrigado por todo apoio e carinho.

À minha esposa Mirella, pedra fundamental da minha vida, que me ofereceu todo suporte, força e amor nessa difícil empreitada.

Minhas filhas, Laura, que foi privada de precioso tempo com seu pai durante sua tenra idade, mas que daqui alguns anos entenderá que foi por ela que cheguei aqui; e Luísa, luz da minha vida, que nasceu durante esse processo para me mostrar que eu estava no caminho certo.

Também aos meus professores do Programa de Pós-graduação em História Ibérica – UNIFAL-MG, com destaque aos meus orientadores Adailson José Rui e Luiz Eduardo da Silva.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todos, muito obrigado.

## RESUMO

No presente trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em História Ibérica será apresentado, mediante o desenvolvimento de uma pesquisa e de um objeto de aprendizagem algumas contribuições que poderão auxiliar os professores do ensino médio que trabalham com a disciplina de História e também à aqueles que trabalham com a disciplina de Filosofia a oferecerem aos estudantes conhecimentos relativos a aspectos da filosofia islâmica, em especial, na Península Ibérica no final do século XII e primeiras décadas do século XIII. Para isso, serão tratados alguns aspectos referentes a filosofia de Averróis e de Ibn Arabi, dois dos maiores mestres do islamismo medieval, entretanto, sem a pretensão de mensurar a importância de cada pensador, o presente trabalho se deterá acerca das contribuições de Ibn Rushd, ocidentalmente conhecido como Averróis, em relação à obra de Ibn Arabi, considerando seus pensamentos espelhados nas teorias aristotélicas e neoplatônicas, apontando seus contrapontos e divergências, sobretudo, apresentando a Influência da filosofia europeia e do sufismo nestas figuras emblemáticas.

Palavras-chave: filosofia islâmica; Al-Ándalus; islamismo.

## **ABSTRACT**

In the present final work of the Professional Master's Degree in Iberian History, it will be presented, through the development of a research and a learning object, some contributions that may help high school teachers who work with the discipline of History and also those who work with the discipline of Philosophy to offer students knowledge related to aspects of Islamic philosophy, in particular, in the Iberian Peninsula at the end of the twelfth century and the first decades of the thirteenth century. For this, some aspects related to the philosophy of Averroes and Ibn Arabi, two of the greatest masters of medieval Islam, will be treated, however, without the intention of measuring the importance of each thinker, the present work will focus on the contributions of Ibn Rushd, Westernly known as Averroes, in relation to the work of Ibn Arabi, considering his thoughts mirrored in Aristotelian and Neoplatonic theories, pointing out their counterpoints and divergences, above all, presenting the influence of European philosophy and Sufism on these emblematic figures.

Keywords: Islamic philosophy; Al-Ándalus; Islam.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PARTE I</b> .....	<b>09</b>
<b>1.1</b>	APRESENTAÇÃO .....	<b>10</b>
<b>1.2</b>	AVERRÓIS E IBN ARABI: PENSADORES ISLÂMICOS NASCIDOS EM SOLO IBÉRICO CUJO PENSAMENTO ULTRAPASSOU AS FRONTEIRAS DO ISLAMISMO E DO TEMPO EM QUE VIVERAM.....	<b>12</b>
<b>1.3</b>	AVERRÓIS .....	<b>13</b>
<b>1.4</b>	IBN ARABI .....	<b>16</b>
<b>1.5</b>	DO ENCONTRO À DIVERGÊNCIA .....	<b>17</b>
<b>1.6</b>	RISALATUL HADIYAH – TRATADO DA UNIDADE .....	<b>29</b>
	REFERÊNCIAS .....	<b>33</b>
<b>1.8</b>	APÊNDICE I .....	<b>35</b>
<b>1.9</b>	APÊNDICE II .....	<b>38</b>
<b>2</b>	<b>PARTE II</b> .....	<b>54</b>
<b>2.1</b>	A CONCEPÇÃO E ABORDAGEM PEDAGÓGICA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM E A SUA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA .....	<b>55</b>
<b>2.1.1</b>	<b>A proposta do objeto de aprendizagem e a sua aplicação</b> .....	<b>55</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Do público alvo e pedagogia adotada</b> .....	<b>56</b>
<b>2.1.3</b>	<b>Da conformidade entre o conteúdo do objeto de aprendizagem com a legislação educacional vigente</b> .....	<b>58</b>
<b>2.1.4</b>	<b>Referencial teórico e metodológico e pertinência com as áreas de história ibérica e de ensino de história</b> .....	<b>59</b>
<b>2.1.5</b>	<b>O uso do objeto de aprendizagem e sua justificativa</b> .....	<b>60</b>
<b>2.1.6</b>	<b>Modo de utilização do objeto de aprendizagem em sala de aula, a sequência didática e forma de avaliação</b> .....	<b>61</b>
<b>2.2</b>	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	<b>64</b>
	REFERÊNCIAS .....	<b>66</b>
<b>3</b>	<b>OBJETO DE APRENDIZAGEM</b> .....	<b>68</b>
<b>3.1</b>	ESTUDO DA CULTURA ISLÂMICA ATRAVÉS DE SEUS MESTRES.....	<b>68</b>
<b>3.1.1</b>	<b>Objetivos de aprendizagem</b> .....	<b>69</b>

<b>3.1.2</b>	<b>Conteúdo programático .....</b>	<b>69</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Metodologia .....</b>	<b>69</b>
<b>3.1.4</b>	<b>Cronograma .....</b>	<b>70</b>
<b>3.1.5</b>	<b>Avaliação .....</b>	<b>70</b>
<b>3.1.6</b>	<b>Materiais e ferramentas .....</b>	<b>71</b>
<b>3.2</b>	<b>1ª AULA – TEXTO “VIDA E TRABALHO DE AVERRÓIS” .....</b>	<b>71</b>
<b>3.3</b>	<b>2ª AULA – RODA DE CONVERSA .....</b>	<b>72</b>
<b>3.4</b>	<b>3ª AULA – FORMAÇÃO DE GRUPOS.....</b>	<b>73</b>
<b>3.4.1</b>	<b>1º Tema – A filosofia islâmica .....</b>	<b>74</b>
<b>3.4.2</b>	<b>2º Tema – O islamismo como religião .....</b>	<b>75</b>
<b>3.4.3</b>	<b>3º Tema – Direito islâmico .....</b>	<b>76</b>
<b>3.4.4</b>	<b>4º Tema – Arquitetura islâmica .....</b>	<b>77</b>
<b>3.5</b>	<b>4ª AULA – SEMINÁRIO .....</b>	<b>78</b>
<b>3.6</b>	<b>EXELEARNING COMO RECURSO TECNOLÓGICO PARA A APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>79</b>

**PARTE I**

## **A relação de Averróis e Ibn Arabi, a inspiração de um grande mestre do islamismo**

### **1.1 APRESENTAÇÃO:**

Na Península Ibérica, o século XII, entre outros acontecimentos, foi marcado pela chegada dos Almohadas, movimento religioso originado onde atualmente é o Marrocos<sup>1</sup>. Na Península Ibérica primeiramente chegaram notícias sobre o desenvolvimento desse movimento islâmico em solo africano e o enfrentamento que passaram a ter com os Almorávidas. Tais informações passaram a incomodar a comunidade islâmica peninsular uma vez que os Almohadas se apresentavam muito mais fervorosos do que os Almorávidas. Posteriormente, na segunda metade do século XII, a situação se tornou mais tensa com a chegada propriamente dita dos Almohadas a Península Ibérica, onde impuseram o seu poderio e a doutrina religiosa que professavam, fato que incomodava tanto os muçulmanos que lá viviam como os reinos cristãos.

Para a população muçulmana dos reinos de Taifas a chegada dos almohadas foi sentida, inicialmente, como uma ameaça e, posteriormente, como uma força destrutiva, uma vez que, consideravam a população islâmica peninsular como corrupta em relação a religião apresentada pelo profeta. Os almohadas eram, segundo o posicionamento deles, os únicos autênticos seguidores do islã. Diante tal perspectiva, os recém-chegados apresentavam-se como sendo os que legitimamente possuíam o direito de submeter e até eliminar aqueles que não reconhecessem e aceitassem a doutrina que seguiam. Além de dominar os territórios islâmicos peninsulares, os recém chegados tinham como propósito a expansão e domínio também das terras cristãs, fossem elas peninsulares ou não. Tal fato gerava preocupação tanto para os reinos cristãos peninsulares como para toda a Cristandade.

Para a população cristã, de modo geral, e em específico para as suas lideranças, os Almohadas representavam uma grande ameaça que necessitava ser combatida. A vitória sobre eles era considerada pela cristandade e pelos cristãos ibéricos em específico como necessária, uma vez que sem ela a existência deles

---

<sup>1</sup> Sobre os Almohadas veja: História Geral da África, IV: África do século XII ao XVI. Djibri Tamsir Niane (Editor) 2 ed. Brasília: Unesco, 2010. No capítulo 2, a partir da página 46 até a 61 é tratado, entre outros assuntos, do processo que levou os almohadas a Península Ibérica.

estava ameaçada.

Os esforços para o combate foram lentamente organizados a partir de ações de monarcas peninsulares e também do papado. O combate final ocorreu em 16 de julho 1212 na batalha campal que ficou conhecida como *Navas de Tolosa*<sup>2</sup>. Batalha cuja organização foi em sua maior parte de responsabilidade do rei Alfonso VIII de Castela (1155-1214, rei desde 1158). Este, contando com o apoio do papado, especificamente expresso pelas atuações do Papa Inocêncio III (1161-1216, papa desde 1198) que concedeu uma bula de cruzada, dando ao evento o grau de guerra santa, fato que contribuía na reunião de forças cristãs tanto provenientes da península como de fora dela. Para compor as forças cristãs, juntaram-se aos guerreiros comandados por Alfonso VIII de Castela, os de Pedro II de Aragão (1178-1213, rei desde 1196), os de Sancho VII de Navarra (1154-1234, rei desde 1194), os de Alfonso II de Portugal (1185-1223, rei desde 1211) e cavaleiros do reino de Leão, assim como integrantes das ordens militares, principalmente das ordens de Santiago e Calatrava e, também, guerreiros do além Pirineus atraídos a batalha mediante os benefícios espirituais e materiais que ela propiciava, uma vez que, era uma cruzada contra o infiel. A reunião das forças ocorreu em Toledo e desde essa cidade marcharam para o ponto onde enfrentaram e venceram em batalha campal os inimigos da cristandade. A vitória dos cristãos comandados pelos reis ibéricos tornou-se um marco na história peninsular, deixando clara a preponderância cristã sobre as forças muçulmanas a partir de então<sup>3</sup>.

Foi nesse ambiente de tensões, ameaças e conflitos armados que nasceu em Córdoba no ano 1126, Averróis e em Murcia, no ano de 1165, Ibn Arabi, dois dos maiores pensadores islâmicos que, em comum, tiveram o solo ibérico como berço. Temos no presente trabalho de conclusão de mestrado o objetivo de apresentá-los aos leitores (estudantes) destacando algumas informações referentes a relação existente entre eles.

Acreditamos que, levar informações que relacionem a história de uma época

---

<sup>2</sup> Sobre as Navas de Tolosa veja: COSTA, Lucas Magalhães. A celebração da guerra em Navas de Tolosa: história e espiritualidade entre os séculos XIII e XIV. Dissertação de Mestrado. Programa de História Ibérica, UNIFAL-MG. Alfenas 2018. 102p./ GARCIA FITZ, Francisco. Las Navas de Tolosa. Barcelona: Ariel, 2008. 588p./ ALVIRACABRER, Martín. Las Navas de Tolosa, 1212: Idea, liturgia y memoria de la batalla. Madrid: Silex, 2012. 582p.

<sup>3</sup> Sobre essa temática veja: GARCIA FITZ, Francisco. Las Navas de Tolosa, ¿un punto de inflexión en las dinámicas históricas peninsulares? 1212-1214. El trieno que hizo a Europa: actas de la XXXVII Semana de Estudios Medievales. Estella. 19 al 23 de julio de 2010, 2011.p. 47-84. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6327990> Consultado em: 09/07/2024.

com a filosofia nela desenvolvida nos auxilia a estimular nos estudantes a curiosidade, o gosto pelo conhecimento e o desejo em conhecer mais sobre aspectos relativos a filosofia e a história islâmica do período, especialmente a Ibérica. Com esse intuito na sequência apresentamos o artigo que elaboramos como fruto dos estudos e pesquisas que desenvolvemos no decorrer do curso de mestrado.

## 1.2 AVERRÓIS E IBN ARABI: PENSADORES ISLÂMICOS NASCIDOS EM SOLO IBÉRICO CUJO PENSAMENTO ULTRAPASSOU AS FRONTEIRAS DO ISLAMISMO E DO TEMPO EM QUE VIVERAM

Para tratarmos de alguns aspectos referentes a filosofia de Averróis e de Ibn Arabi julgamos relevante como ponto de partida oferecermos algumas informações sobre eles e, também, antes de discorrermos diretamente sobre os filósofos mencionados, acreditamos ser didático apresentarmos em forma de um “glossário comentado” os termos relacionados a cultura islâmica que aparecerão no texto, fato que ajudará na leitura e na compreensão do texto.

- 1- Cadi: tinha um papel importante na administração da lei e na resolução de conflitos, com autoridade significativa na aplicação das normas e tradições religiosas. A posição do cadi era geralmente vital para a manutenção da ordem social e para garantir que as decisões judiciais estivessem alinhadas com os princípios islâmicos.
- 2- Falsafah: se refere ao estudo e à prática da filosofia, que, durante a Idade Média, foi altamente influenciada pela filosofia grega, especialmente as obras de Aristóteles e Platão.
- 3- Filosofia Peripatética: é uma escola de pensamento filosófico que se originou com Aristóteles, um dos filósofos mais influentes da Grécia Antiga. O termo "peripatético" vem do grego "peripatētikos," que significa "aquele que passeia" ou "aquele que anda." O nome se refere ao hábito de Aristóteles de ensinar enquanto caminhava com seus alunos no Liceu, o local onde ele fundou sua escola em Atenas.

- 4- Malikitas: são seguidores da escola de jurisprudência islâmica conhecida como Madhab Maliki. Esta escola é uma das quatro principais escolas de direito islâmico (fiqh) no sunnismo, juntamente com as escolas Hanafi, Shafi'i e Hanbali.
- 5- Neoplatonismo: é uma corrente filosófica que surgiu no início do século III d.C. e é uma interpretação e extensão das ideias de Platão, desenvolvida especialmente por filósofos como Plotino, Porfírio, Jâmblico e Proclo. O Neoplatonismo buscou adaptar e expandir a filosofia platônica, integrando-a com conceitos místicos e religiosos.
- 6- Revelação gnóstica: refere-se ao conhecimento esotérico e espiritual que é central para as tradições gnósticas. O Gnosticismo é um conjunto diversificado de crenças e práticas religiosas que floresceu principalmente nos primeiros séculos da Era Comum e influenciou o cristianismo primitivo e outras tradições religiosas da época.
- 7- Salafismo: é uma corrente dentro do Islã que busca retornar às práticas e crenças dos primeiros três séculos da história islâmica, particularmente aos tempos dos Salaf al-Salih (os "piedosos predecessores"), que incluem o Profeta Muhammad e seus primeiros companheiros e sucessores. O termo "Salaf" vem do árabe e significa "antecessores" ou "ancestrais".
- 8- Sufismo: é uma dimensão mística e espiritual do Islã que enfatiza a busca direta e pessoal por Deus (Allah) através de práticas de devoção e experiência espiritual. É uma abordagem que se concentra na purificação do coração e na aproximação pessoal com o Divino, indo além da observância exterior das leis religiosas para cultivar uma conexão mais profunda e interior com Deus.

### 1.3 AVERRÓIS

Sem a pretensão de mensurar a importância de cada pensador, o presente trabalho se deterá acerca das contribuições de Ibn Rushd, ocidentalmente conhecido como Averróis, em relação à obra de Ibn Arabi. Antes, porém, vale conhecer uma breve biografia desses pensadores.

“o filósofo Ibn Rushd, nascido em 1126, muito destacado como médico e importante cádi de Alandalus na época dos Almôadas, foi um dos principais pensadores da *falsafah*<sup>4</sup>. Recebeu uma sólida formação em teologia, direito, medicina, matemática, astronomia e filosofia. Estudou as obras de Aristóteles e seus comentadores em tradução árabe, enquanto também tomava conhecimento dos filósofos árabes” (COVELLI, 2009, p. 14/15).

Ibn Rushd nasceu em Córdoba, numa célebre família de *malikitas*<sup>5</sup>, cujo avô fora o mais ilustre juiz de seu tempo, por todo o Al-Andalus sob o domínio dos Almorávidas. Seus comentários sobre Aristóteles foram de grande repercussão no mundo árabe.

Além do reconhecimento por seu brilhantismo, Averróis vinha de família que gozava de prestígio público, principalmente por atuarem nos campos do direito e da religião.

De avô e pai juízes, teve formação privilegiada abrangendo campos do Direito, Medicina, Matemática, Filosofia, entre outros. Entretanto, seria como filósofo, sob a influência destacada das obras de Avempace (Ibn Bajjah)<sup>6</sup>, que ele

---

<sup>4</sup> O termo é uma transcrição do termo grego *philosophia* para a língua árabe. Diz respeito ao período específico que engloba os filósofos helenizados, iniciando com Alkindī (796-873) e encerrando com Ibn-Rušd. Pensadores do período medieval (séc. VIII –XII) que em terras do Islã se dedicaram aos estudos da tradição da filosofia e da ciência antiga dos gregos. “A *falsafah* é um dos elos mais esclarecedores para a compreensão dos caminhos da filosofia no período medieval, visto que se deu no mesmo período em que o Ocidente esteve sob a denominação (às vezes injustas) de Idade das Trevas” Cf. ATTIE F<sup>o</sup>, 2002: 28.

<sup>5</sup> Refere-se ao adotante da escola *malikita*, cujo nome também se originou do seu fundador *imam* Malik, morto em 795, em *Hedjaz*, está na Arábia, na África do Norte e Central, no Egito e no Sudão e fundamenta-se no “princípio da utilidade geral que desperta em alguns a ideia do bem comum” (Jomier, 1992, p. 92). Respeita a hierarquia das fontes de direito: *Alcorão*, *sunnah*, Direito Consuetudinário de *Medina (Urf)*, princípio do bem comum (*Maslaha*) e, quando não contraria o bem público, o julgamento pessoal da tradição (*ray*). Sobre o direito malikita veja: FIERRO BELO, Maria Isabel. El derecho Malikita em Al-andalus: siglos II/VIII – V/XI. Al-qantara: Revista de estudios árabes, ISSN 0211-3589, Vol. 12, Fasc. 1, 1991, p. 119-132 Disponível em: <https://digital.csic.es/bitstream/10261/10159/1/DERECHO%20MALIKI.pdf> Consultado em 08/07/2024.

<sup>6</sup> Ibn-Bājjah (m. 1138) foi filósofo, médico e político, natural de Saragoça. No final do século XI, refugiou-se em Sevilha depois da tomada de sua cidade natal por Alfonso I de Aragão. Nessa

iria se destacar.

Averróis produziu ao menos sessenta e sete títulos originais, dentre eles destacam-se vinte e oito ligados à Filosofia, vinte que discorreram sobre Medicina, oito obras de Direito, além de cinco sobre Teologia e quatro abordando Gramática.

Grande admirador dos trabalhos de Aristóteles comentou sobre a maioria de suas obras, além de debruçar sobre “A República”, de Platão. Seu destaque no ocidente vem da busca por restaurar o que considerava os ensinamentos originais de Aristóteles, contrapondo-se aos neoplatônicos contemporâneos mulçumanos.

Foi condenado por heresia justamente em razão desta oposição, afrontando teólogos do Islã, principalmente em sua obra “Destrução da destruição da Filosofia”, sobre isso, Paulo Cesar Oliveira discorre:<sup>7</sup>

Ele pretende delimitar os campos do saber e da fé islâmica. Nesse sentido, a razão o leva a afirmar, com Aristóteles, a eternidade do mundo, negando a imortalidade da alma individual. Justamente, porque construída sobre estas bases, o caminho percorrido por Averróis se transformou em uma fonte de preocupação para as autoridades religiosas e em grandes debates entre os mestres parisienses. O caminho percorrido por Averróis foi o de conciliar fé e razão, atribuindo à filosofia a missão de interpretar e desenvolver a verdade revelada no Alcorão. O pressuposto desta tentativa é que a investigação racional é a continuação coerente, lógica e histórica da doutrina presente no alcorão. (OLIVEIRA, 2016, p. 107/108)

Fato é que, a forma de pensar de Averróis e as interpretações sobre as obras de Aristóteles que ele deu, impactaram sobremaneira no pensamento posterior aos seus escritos, configurando uma linha importante que, posteriormente,

---

cidade e em Granada, exerceu a filosofia e a medicina. Foi envenenado por seus confrades médicos na corte de Fez. Entre os poucos escritos que chegaram até nós lhe são atribuídos os comentários das obras lógicas de Alfārābī e muitos comentários dos tratados de Aristóteles (Física, Meteorologia, História dos animais). Escreveu um “Tratado sobre a união do intelecto com o homem” / *Risālat ‘ittiḥād al’aql bi-al’insān* e uma obra que o tornou célebre – “O regime do solitário” / *Tadbīr almutawāḥid*, na qual desenvolve uma tese de aspecto neoplatônico que consiste na redução do eu ao ser divino, cuja finalidade da existência humana é a união com Deus por meio da ascensão mais intelectual do que mística ou religiosa. Cf. AL-JABRI, 1999: 144; Cf. BENMAKHLOUF, 2006: 45.

<sup>7</sup>OLIVEIRA, Paulo Cesar. Averróis e a religião do filósofo. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, v. VIII, n. 19, set. 2016.

seria traduzida sob a denominação de “Averroísmo Latino”<sup>8</sup>.

#### 1.4 IBN ARABI

Ibn Arabi viveu entre 1165 e 1240, também conhecido como “o mestre maior” ou “o mestre por excelência”, pensador andaluzino da linha mística, nasceu em Múrcia, em Al-Andalus. Nas palavras de CRUZ HERNÁNDEZ, 1963, dentre os mais de 800 títulos a ele atribuídos, 400 parecem ser autênticos e chegaram até nossos dias. O conjunto de seus escritos se mostra como uma verdadeira enciclopédia mística, ascética, teológica, poética e literária, com temas de grande extensão e profundidade, que marcaram todo o desenvolvimento da mística posterior no mundo islâmico. A formação filosófica de Ibn Arabi é fundamentalmente neoplatônica<sup>9</sup> e, apesar de contestar a filosofia peripatética<sup>10</sup> desenvolvida por Ibn Rushd, suas obras místicas revelam uma sistematização que só seria possível graças a uma adaptação dos elementos oriundos da filosofia aos quais Ibn Arabi teve acesso.

Ibn Arabi era filho de um teólogo islâmico, fato que explica seu interesse desde muito cedo para os estudos religiosos e filosóficos. Tratado desde a infância como uma mente brilhante, Ibn Arabi foi forjado em um mundo islâmico conturbado, com conflitos de várias naturezas, que segundo Bilal Ramez Bakri originou tantos pensamentos divergentes:

Ibn Arabi viveu numa época do mundo islâmico caracterizada pelos conflitos políticos, militares, religiosos e filosóficos. Ele foi contemporâneo de dois grandes vultos do pensamento islâmico universal: Averróis (conhecido em árabe como Ibn Rushd), o grande filósofo árabe da península ibérica, e Jalaludine Al-Rumi, grande poeta e mestre do sufismo. O mundo islâmico, naquela época (nos séculos XII e XIII), estava sob várias ameaças. Tinha as Cruzadas, com os reinos cruzados estabelecidos no Oriente Próximo. A

<sup>8</sup> MATOS, Manuel Cadafaz de. Contributo para o estudo da recepção dos textos de Averróis (1126-1198) na Península Ibérica entre os séculos XIII e XV numa perspectiva da História do Livro. HVMANITAS- Vol. L. 1998. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas50/28\\_Cadafaz\\_de\\_Matos.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas50/28_Cadafaz_de_Matos.pdf) Consultado em: 08/07/2024.

<sup>9</sup> O Neoplatonismo foi uma corrente filosófica que comportou diversas doutrinas e se manifestou por volta do século III d.C. ao século VI d.C. Essa corrente tem como principal referência a filosofia platônica, mas por uma perspectiva mais mística, espiritual e cosmológica.

<sup>10</sup> Os alunos do filósofo Aristóteles ficaram conhecidos como "peripatéticos" pois, o filósofo incentiva seus alunos a caminhar. "Peripatético" é a palavra grega para "ambulante".

Península Ibérica sofria com as guerras de reconquista. Do Extremo Oriente, vinha a ameaça dos mongóis. Estes acontecimentos foram os propulsores na produção de escolas de pensamento tão divergentes e oponentes quanto o salafismo<sup>11</sup> e o sufismo<sup>12</sup> (BAKRI, 2021, p. 3-4).

Apesar disso, a magnitude de suas obras foram abrindo espaço e pavimentando o caminho para que se tornasse, para muitos, o maior místico que já existiu.

Ainda conforme descreve Bilal Ramez Bakri:

Muhiedine, uma das muitas alcunhas de Ibn Arabi, que quer dizer “aquele que deu vida à religião”, dava sinais de sua genuína genialidade, que o tornou talvez o maior místico de toda a História do Islã e, não seria talvez exagero dizer, de toda história universal. (BAKRI, 2021, p. 2).

Ibn Arabi foi, antes de tudo, um obcecado pela verdade. Em busca dessa verdade, dedicou grande parte de sua vida ao deslocamento entre os grandes centros islâmicos de conhecimentos filosóficos e culturais.

## 1.5 DO ENCONTRO À DIVERGÊNCIA

Por mais que ambos se admirassem, e isso fica claro em Chittick (2003) quando narra que Ibn Arabi se encontrou com Averróis, e este confirmou que Arabi, ainda jovem, possuía um tipo de conhecimento específico, pelo qual havia procurado durante toda sua vida, bem como, segundo Benato (2022), nesse encontro Ibn Arabi percebeu que, mesmo estando diante do reconhecido filósofo e jurista, que fez questão de conhecê-lo, existia uma grande lacuna entre o pensamento racional e a via da revelação gnóstica<sup>13</sup>, o que o fez iniciar uma peregrinação tanto interior quanto exterior em busca de mestres, especialmente

---

<sup>11</sup> O Salafismo nasceu como um movimento de reavaliação do Islã, um retorno às origens que poderia levar a comunidade, paradoxalmente a uma volta ao passado ou a um passo para o futuro (MOUSSALLI, 2009, p. 2-15)

<sup>12</sup> O sufismo no Islã é uma corrente de pensamento de natureza mística. A apreensão da verdade não ocorre através das regras filológicas ou jurídicas, mas sim no “interior” do homem. A razão é apenas o véu do “coração”, único depositário do conhecimento. Cf. AL-JABRI, 1999: 17.

<sup>13</sup> Revelação adquirida por um especial conhecimento, passando a viver segundo esse conhecimento.

sufis<sup>14</sup>.

Como seus pontos de vista nem sempre convergiam, posto que Averróis refletia o Aristotelismo<sup>15</sup>, enquanto Ibn Arabi adotara o Neoplatonismo<sup>16</sup>, chegando a receber o apelido de filho de Platão, sabiam que o que lhes separava, na verdade, também era o que acabava os atraindo.

Enquanto Averróis via no brilhantismo do jovem Ibn Arabi a solução de alguns questionamentos, mormente sua linha de teoria teológica reflexiva Malikista, que sustentara por toda vida, o jovem enxergava na figura e na obra do mestre experiente, a expressão de onde grande parte de seus estudos encontraria substância, porém, já entendia que o contraponto ao mestre seria a essência de seus trabalhos

O despertar do pensar não necessariamente está ligado à comunhão de pensamentos. Muitas vezes, quem mais estimula é aquele que pensa de forma diferente, pois o desafio de questionar uma ideia estabelecida é bem mais complexo que a mera concordância.

Neste sentido, Ibn Arabi, tratado como “Al-sheikhal-akbar” ou “o maior dos sábios”, possuía suas inspirações, seus mentores, aqueles por quem nutria grande admiração. Nesse cenário, Averróis influenciou sensivelmente o grande mestre do islamismo, merecendo o posto de protagonista.

---

<sup>14</sup> “(...) se tornavam mendigos e andarilhos, passando a pregar o Corão e a ensinar o caminho espiritual, em oposição à vida material. Estes foram chamados de os renunciantes. Acredita-se que isso tenha sido uma resposta à dureza religiosa, desenvolvida a partir do estabelecimento da teologia (kalam), que dava muito mais valor à letra do que ao espírito e à vida nababesca que muitos dirigentes do Islã levavam.” (FILHO, 2013, p. 69)

<sup>15</sup> Pensamento ocidental, geralmente caracterizada por lógica dedutiva e método analítico indutivo no estudo da natureza e leis naturais. (ISBN 978-85-15-02487-2)

<sup>16</sup> Neoplatonismo é o termo que define o conjunto de doutrinas e escolas de inspiração platônica que se desenvolveram do século III ao século VI, mais precisamente da fundação da escola alexandrina por Amônio Sacas (232) ao fechamento da escola de Atenas imposto pelo edito de Justiniano, de 529. O neoplatonismo é direcionado para os aspectos espirituais e cosmológicos do pensamento platônico, sintetizando o platonismo com a teologia egípcia e judaica. No entanto, os neoplatônicos se consideravam simplesmente platônicos, e a distinção moderna é devido à percepção de que sua filosofia continha interpretações suficientemente originais a Platão para torná-la substancialmente diferente daquilo que Platão escreveu. (ISBN 978-85-15-02487-2)

É inegável a importância dos trabalhos de Averróis, na obra de Ibn Arabi, conforme reconhecido pelo próprio místico, que relata além do encontro presencial, na casa de Averróis, arquitetada pelo seu pai, conforme ZAYAS (1998), outras duas oportunidades mais atípicas, conforme descreve Benato, 2008:

Ibn 'Arabi conta em outras passagens que o encontrou mais duas vezes; uma, espiritualmente e outra, por ocasião da morte do filósofo, comentando do respeito que tinha pelo mesmo, mas que seus caminhos eram opostos.

Entre suas experiências na Espanha, Marrocos, Arábia, Alepo, Mussol, Bagdá, Kunya e Síria, ao longo de seus setenta e seis anos de vida, uma passagem é tratada com atenção especial por Ibn Arabi ao relatar na obra "*Sufis of Andalusia*" o encontro que teve com Averróis.

Rodrigo de Zayas (1998) citando a tradução de Henri Corbin apresenta como se deu o grande encontro:

E assim, um belo dia, fui a Córdoba, à casa de Abu'l Walid Ibn Rushd (Averróis). Ele havia manifestado o desejo de me encontrar pessoalmente, porque ouvira falar das revelações que Deus me concedera durante meu retiro espiritual, e não escondera sua surpresa com o que lhe fora dito. Por esta razão, meu pai, que era um de seus amigos íntimos, me enviou um dia à sua casa, pretextando algum tipo de incumbência, na verdade para permitir que Ibn Rushd tivesse uma conversa comigo. Naquela época eu ainda era um jovem imberbe. Quando entrei, o mestre levantou-se de seu lugar, recebeu-me com sinais de amizade e consideração e finalmente me abraçou.

Então ele disse: "Sim" E eu, por minha vez, disse: "Sim.". Sua alegria foi grande ao notar que eu havia entendido. Mas então, percebendo o que havia despertado sua alegria, acrescentei: "Não.". Imediatamente Ibn Rushd estremeceu, a cor desapareceu de suas bochechas, ele pareceu duvidar de seus próprios pensamentos.

Ele me fez esta pergunta: "Que tipo de solução você encontrou através da iluminação e inspiração divinas? É idêntico ao que obtemos da reflexão especulativa?" Eu respondi: "Sim e não. Entre o sim e o não os espíritos fogem de sua matéria, e os pescoços se separam de seus corpos". Ibn Rushd empalideceu, eu o vi tremer; ele murmurou a frase ritual "Não há poder exceto em Deus" – pois ele havia entendido minha ilusão (BENATO, 2008, p. 13).<sup>17</sup>

<sup>17</sup> *Futuhát al-Makkiya*, II, p. 425; *Ruh al-Quds al Durrat al-Fakhirah* (Sufis of Andalusia) trad. R.W.J.Austin, p. 23: "I spent a good day in Cordoba at the house of Abu al-Walid Ibn Rushd. He had expressed a desire to meet me in person, since he had heard of certain revelations I had received while in retreat and had shown considerable astonishment concerning them. In consequence, my father, who was one of his close friends, took me with him on the pretext of business, in order to give Ibn Rushd the opportunity of making my acquaintance. I was at the time a beardless youth. As I entered the house the philosopher rose to greet me with all the signs of friendliness and affection, and embraced me. Then he said to me "Yes!" and showed pleasure on seeing that I had understood him. I, on the other hand, being aware of the motive for his pleasure, replied, "No!". Upon this, Ibn Rushd drew back from me, his colour changed and he seemed to doubt what he had thought of me. He then

A complexidade do diálogo é proporcional à importância de seus agentes. Segundo Rodrigo de Zayas, existiram entendimentos quase telepáticos entre os mestres.

Ainda, segundo Zayas, o jovem Ibn Arabi teria entendido, de imediato, que os questionamentos de Averróis estavam ligados ao Al Quíama – A Ressurreição, expressa no último versículo da Surata 75 do Alcorão, que apresenta o seguinte questionamento: “Porventura, Ele não será capaz de ressuscitar os mortos?”

A resposta que Averróis ouviu deu-lhe a percepção que existia uma barreira filosófica imensa entre ele e Ibn Arabi. Enquanto seu pensamento estava alinhado com o Aristotelismo, Ibn Arabi adotara o Neoplatonismo em suas respostas, entretanto, apesar de discordarem, se entendiam.

Na prática, ao responder se Deus teria o poder de ressurreição, Ibn Arabi respondeu “sim” para o espírito e “não” para o corpo, portanto, estaria ele estabelecendo um parâmetro meramente espiritual, com o retorno do espírito à sua origem, desconsiderando o corpo material.

Daí a reação espantada de Averróis, que fundado em teorias teológicas, mormente da escola de direito de Maliki, explicava que as próprias revelações obtidas por Ibn Arabi seriam fruto de sua reflexão.

Por outro lado, o jovem Ibn Arabi possuía convicção de que sua visão mística o orientava na obtenção do conhecimento, seria a expressão determinante da influência do sufismo em sua vida.

Talvez a grande mudança havida após o encontro tenha sido a convicção de Ibn Arabi com relação a necessidade de buscar respostas, uma vez que concluíra

---

put to me the following question, “what solution have you found as a result of mystical illumination and divine inspiration? Does it coincide with what is arrived at by speculative thought?” I replied, “Yes and no. Between the *Yah* and the *Nay* the spirits take their flight beyond matter, and the necks detach themselves from their bodies” At this Ibn Rushd became pale and I saw him tremble as he muttered the formula, ‘There is no power save from God’ This was because he had understood my allusion’

existir um abismo entre o pensamento racional e a revelação gnóstica. A forma encontrada para satisfazer suas incompreensões foi imergir dentro do seu próprio “eu”, mas, para isso, se lançou ao encontro de mestres sufis, em uma verdadeira peregrinação.

Sedento por experiências e conhecimento, suas viagens determinaram a caminhada de sua vida. Tanto assim, que descreveu em seu livro *Ruh al-Quds* (O Espírito Santo) parte de sua aventura de cidade em cidade, destacando, nesta obra, as passagens pelo norte da África até Meca, como descreveu Stephen Hirtenstein:

“O contato de Ibn ‘Arabî com seus mestres espirituais começou em Sevilha. Naquele tempo não havia ordens Sufis (tarîqât) no mundo islâmico e a busca da vida espiritual normalmente significava estar em companhia de diferentes pessoas e não só de um único mestre. A obediência formalizada das gerações posteriores, tendo o aspirante um único mestre, não fazia parte de seu mundo. Certamente, no caso de Ibn ‘Arabî, seu círculo de mestres era grande e tinha muitos companheiros no caminho espiritual. Ao lermos seu *Rûh al-quds*, o livro onde relatou suas experiências com os Sufis do Magrebe, a impressão predominante é de uma comunidade de pessoas envolvidas num sério esforço espiritual e de uma sociedade na qual isto era aceito em todas as camadas, particularmente na classe dominante. O fato de que os próprios sultões almoades procuravam o conselho dos mestres espirituais (shaykhs), mostra um clima aberto incomum” (HIRTENSTEIN, 2009)

Merece destaque o fato de, ao longo de sua peregrinação, Ibn Arabi colecionar desafetos e críticos. Certamente os teólogos, que os acusavam de heresia, estavam muito mais alinhados ao pensamento falsafah, de base tradicional grega, relegado por Arabi em face do misticismo<sup>18</sup> e do sufismo.

Sobre a divergência apontada, o quadro comparativo abaixo, apresentado por Francisco López Cedeño, em palestra ministrada no ano de 2016, no Instituto Español Melchor de Jovellanos, em Al Hoceima, no Marrocos, disponível em <https://youtu.be/OyfSkFPY39U> , tem função bastante didática:

---

<sup>18</sup> O *tasawwuf*, palavra árabe que designa o misticismo e esoterismo islâmicos, é conhecido no Ocidente como sufismo. Há duas correntes principais de entendimento islâmico: o sunismo e o xiismo, sendo que o sufismo é observado com mais vigor na corrente sunita. (SILVA FILHO, 2015).

Quadro 1 – Comparativo Averróis x Ibn Arabi

<b><u>Averróis</u></b>	<b><u>Ibn Arabi</u></b>
Al-Ándalus século XII (Córdoba 1126 – Marraquesh 1198)	Al-Ándalus século XII (Murcia 1165 – Damasco 1240)
Tradição grega: Aristotelismo	Tradição grega: Neoplatonismo
Pensamento voltado ao futuro, Prospectivo	Pensamento voltado a tradição, retrospectivo
As relações entre religião e filosofia estão à frente das tradições	A racionalidade está no pensamento religioso e místico
O conhecimento se alcança pela reflexão	o conhecimento se alcança pela visão mística
Influência decisiva na filosofia europeia desde a Idade Média latina	influência determinante no sufismo

Fonte: López Cedeño (2016)

Conforme o próprio Ibn Arabi, em *Al-futuhāt al-makkiya* (Fut.III:158), apesar de presente em diversas passagens de sua gigantesca obra, a iluminação divina que o tocou nunca foi abordada diretamente, como tema principal de seus escritos. Talvez tal fato tenha sido proposital, visto que nos parece que o mestre do islamismo quis deixar claro que a iluminação se tratava do toque de Deus, sendo que, o momento de seu acontecimento, bem como, todas as demais coisas, somente a Ele pertence, noutro giro, nunca escondeu que fora um dos escolhidos do toque divino.

É somente concedido ao perfeito Muhammadiano, mesmo que este seja herdeiro de um outro profeta, em outros aspectos. A mais poderosa estação obtida por uma pessoa que recebeu esta iluminação é a estação da veracidade (*sidq*), em tudo o que diz, em todos os seus movimentos e em seu estado de repouso. Tal pessoa é incapaz de conceber interiormente o que irá dizer, em seguida colocar isto em ordem por meio da reflexão e finalmente proferir. Para ela, o momento que fala é o mesmo momento que concebe o discurso por meio do qual expressa seu pensamento. De todos os homens que encontrei ao longo de minha vida, não houve um que demonstrasse qualquer sinal desta forma de iluminação. Pode até ser que tais pessoas existam, mas simplesmente não encontrei nenhum; por outro lado, a única coisa de que estou certo é que sou uma delas. (Fut.III:158)

Entretanto, em pensamento comungado pelo mestre, apesar de não ser possível controlar o toque divino, para ele poderia o homem se preparar, ao adotar

um caminho espiritual propício para que Deus lhe escolhesse, purificando seu caráter através de treinamento espiritual.

Por meio deste treinamento, segundo Ibn Arabi, experiências divinas passariam a se revelar. Em determinada passagem, sob a desconfiança de outros místicos, Ibn Arabi relata uma visão dos três grandes mestres espirituais do ocidente: Jesus, Moisés e Muhammad: “Quando retornei para este Caminho, foi realizado através de uma visão onírica (mubashshira) sob a direção de Jesus, Moisés e Muhammad”. (Hirtenstein, 2009)

Hirtenstein (2009) ainda destaca uma importante questão por trás desta passagem, qual seja, a fusão dos três ícones proféticos ocidentais em favor do monoteísmo primitivamente propalado por Abraão. Ao escrever sobre a pluralidade de profetas e a singularidade profética, Arabi deixa claro que o caminho invariavelmente levará a Deus.

Seguindo por sua obra, ao escrever um de seus primeiros livros, *El divino gobierno del reino humano*, Ibn Arabi procurou descrever como seria viver a vida conforme os olhos do criador.

Para isso, ele chamou de *governo do reino humano* a liberdade de condução que cada ser humano tem sobre sua própria vida, entretanto, ele atrelou o sucesso da caminhada humana ao benefício final da verdadeira salvação. Neste ponto, destaca-se o elemento que o autor atribui ao toque divino no ser humano, a alma.

*“Mirad, vuestro Señor dijo a Los ángeles: “Crearé un representante en la tierra” (Baqara, 30).<sup>19</sup>*

Para Ibn Arabi, eis aí o representante divino entre os homens: a alma. Legítima representante do criador sobre sua criação.

Ao pensar que o criador tudo poderia criar, naturalmente seria simples replicar criaturas, entretanto, na concepção de Ibn Arabi, Deus criou o ser humano como

---

<sup>19</sup> Eis que vosso Senhor disse aos anjos: "Criarei um representante na terra." (Baqara, 30)

apenas um ser. Posteriormente, se utilizando da Alma, que não foi criada, simplesmente contempla o “mandato de Deus” prosseguindo.

*Te preguntarán acerca de tu alma. Di: "El espíritu procede del ámbito del mandato de mi Señor". (Bani Isra 'il, 85).<sup>20</sup>*

Assim, sendo a alma mestra do ser humano, suas atribuições estão recheadas das virtudes do próprio criador, que é o único que as detém em sua totalidade. A alma seria, portanto, a extensão de Deus na terra, através da qual Ele promove a ordem do universo. Nada que acontece está alheio à vontade de Deus, tudo faria parte do propósito de sua vontade, conduzida por esse elemento divino.

Nesse caso, nos parece que essas afirmações tenham surpreendido Averróis, ouvir que Ibn Arabi, que Ihe tinha como grande mestre, conseguira chegar ao reconhecimento magnífico nos campos místico sufi, filosófico, poético, justamente contrapondo sua opinião, Ihe causava um conflito de sensações. De um lado, o orgulho de contribuir na formação daquele que Ihe poderia superar. Por outro, o risco de que tudo que acreditou, ao longo de sua vida, poderia ruir, de forma robusta e fundamentada.

Tal passagem foi descrita na introdução da obra *El divino gobierno del reino humano*, (Arabi, 2004, p. 13/14)

“Su padre envió una vez al joven Muhyiddin a visitar al gran filósofo de la era, Ibn Rushd (Averroes). Ibn Rushd quedó tan asombrado de las aptitudes y el talento sobrenatural del joven, que no sólo lo redbió con respeto sino que incluso debatió con él. Durante este encuentro Muhyiddin fue capaz de contestar preguntas cuyas respuestas solo conocía Ibn Rushd. El filósofo estaba atónito al ver que aquel joven respondía instantánea y milagrosamente acuestiones cuyo conocimiento él sólo había adquirido tras años de estudio. Era como si Ibn 'Arabi estuviera leyendo su mente. Ibn Rushd dijo que, habiendo leído sobre la existencia de tales personas, estaba agradecido a Allah por haberle sido dado conocer a una de ellas. Sin embargo, el gran filósofo, orgulloso de su conocimiento, fue incapaz de comprender en plenitud el verdadero valor de su joven huésped y prosiguió su propio camino. Por su parte, Muhyiddin deséaba tener una nueva entrevista con Ibn Rushd, pero, en sus sueños, pudo ver varios velos entre él y el filósofo y comprendió que entre ellos no habría entendimiento ni acuerdo. Así que nunca se celebró un segundo encuentro. Cuando Ibn Rushd murió en Marraquech en 1199 (595 AH ), su cuerpo fue devuelto a Córdoba. Ibn 'Arabi estaba presente y observó con tristeza que el camello que transportaba el ataúd llevaba al lado opuesto -como contrapeso- los libros que el filósofo había escrito”.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Eles vão perguntar sobre sua alma. Diga: "O espírito vem do escopo do mandato de meu senhor." (Bani Isra'il, 85)

<sup>21</sup> Certa vez, seu pai enviou o jovem Muhyiddin para visitar o grande filósofo da época, Ibn Rushd

Entre a grandiosa obra de Ibn Arabi, nas discussões mais profundas provocadas pelo mestre, consegue-se vislumbrar suas referências em Averróis, sejam em suas citações diretas, sejam por suas respeitáveis considerações contrárias, quase como quem pede licença para discordar.

Retomando o diálogo entre Ibn Arabi e Averróis, quando do encontro presencial entre ambos, pode-se dizer que, apesar de iniciado com empolgação, findou-se frustrando-os pela divergência capital acerca do conceito de *Tawhíd*<sup>22</sup>.

Sobre o cerne da divergência ocorrida naquela oportunidade, Sandra Regina Benato assevera:

O conceito de *Tawhíd* – unicidade – é referência para o entendimento deste confronto. A palavra provém da raiz árabe *ahad* - um, unificação. A teologia islâmica, independente das diversas escolas de jurisprudência, considera a unicidade segundo a noção mosaica de monoteísmo: herança das tradições Judaica e Cristã. No entanto, o grande diferencial com estas duas últimas é o que o Islã chama de associacionismo (*shirk*) onde não se admite outros tão absolutos quando Deus. Daí o testemunho de fé: não há outra divindade senão Alláh, único e uno em si (*wáhid*), sem divisões (trindade) ou partes. (BENATO, 2008, p. 14)

De fato, todos os mestres de Ibn Arabi contribuíram fortemente em sua formação, sendo importantes para forjar o pensamento dele. Segundo Hirtenstein (2009), pensadores muçulmanos e também alguns cristãos contribuíram no processo de formação de Ibn Arabi. Dentre os muçulmanos encontram-se Abû Madyan<sup>23</sup>

---

(Averróis). Ibn Rushd ficou tão impressionado com a aptidão e o talento sobrenatural do jovem que não apenas o cumprimentou com respeito, mas até debateu com ele. Durante esta reunião, Muhyiddin foi capaz de responder a perguntas cujas respostas apenas Ibn Rushd conhecia. O filósofo ficou surpreso ao ver que esse jovem respondia instantânea e milagrosamente a questões cujo conhecimento só adquirira após anos de estudo. Era como se Ibn 'Arabi estivesse lendo sua mente. Ibn Rushd disse que, tendo lido sobre a existência de tais pessoas, ficou grato a Allah por ter conhecido uma delas. No entanto, o grande filósofo, orgulhoso do seu conhecimento, não conseguiu compreender plenamente o verdadeiro valor do seu jovem convidado e continuou o seu próprio caminho. Por sua vez, Muhyiddin queria ter uma nova entrevista com Ibn Rushd, mas, em seus sonhos, via vários véus entre ele e o filósofo e entendia que não haveria entendimento ou acordo entre eles. Portanto, uma segunda reunião nunca aconteceu. Quando Ibn Rushd morreu em Marraquexe em 1199 (595 AH), seu corpo foi devolvido a Córdoba. Ibn 'Arabi esteve presente e observou com tristeza que o camelo que transportava o caixão carregava no lado oposto - como contrapeso - os livros que o filósofo havia escrito.

<sup>22</sup> Tawhid, em árabe significa atribuir unicidade a Allah e descrevê-lo como sendo um e único, sem parceiros ou associados em sua essência e atributos.

<sup>23</sup> Abu Madiene Suaiabe ibne Amade ibne lafar ibne Suaiabe ibne Huceine Alançari é o santo patrono da cidade de Tremecém, nascido em Cantillana, na Espanha em 1126, faleceu em 1198 em Tlemcen na Argélia, onde foi sepultado.

(1126-1198), Abû al-Hasan ‘Alî al-Shâdhilî<sup>24</sup>(1196-1258), Ibn Sab‘în<sup>25</sup>(1217-c.1271), ‘Abd al-Qâdir al-Jilânî<sup>26</sup> (1077-1166), ShihâbuddînYahyâ al-Suhrawardî<sup>27</sup> (1154-1191), ShihâbuddînAbûHafs ‘Umar al-Suhrawardî<sup>28</sup> (1145-1234), Najmuddîn Kubrâ<sup>29</sup> (1145-1221), Farîduddîn ‘Attâr<sup>30</sup> (aprox.1145, morreu c.1221), Jalâluddîn Rûmî<sup>31</sup> (1207-1273), Sadruddîn al-Qûnawî<sup>32</sup> (1210-1274), todos ligados ao mundo islâmico, de leste a oeste. Dentre os pensadores cristãos que, em algum momento, produziram reflexos nos escritos de Ibn Arabi, o mesmo autor cita Francisco de Assis<sup>33</sup> (1181-1226), Alberto Magno<sup>34</sup> (1193-1280) e Tomás de Aquino<sup>35</sup> (1224-1274).

Contudo, ainda segundo Hirtenstein (2009), a contribuição de Averróis na formação de Ibn Arabi merece destaque em função dele ter sustentado o seu pensamento, sempre pelo Corão, fazendo uso das ciências naturais como

<sup>24</sup> Abu al-Hasan al-Shadhili também conhecido como Sheikh al-Shadhili foi um influente estudioso islâmico marroquino e sufi, fundador da ordem Shadhili Sufi, nasceu no Marrocos no ano de 1196 e faleceu no Egito em 1258.

<sup>25</sup> Ibn Sab‘în foi um filósofo árabe sufi, o último filósofo da Andaluzia na terra ocidental do mundo islâmico. Nasceu em 1217 em Murcia, Espanha e viveu em Ceuta, vindo a falecer em Meca, na Arábia Saudita em 1271.

<sup>26</sup> Abd al Qadir al-Jilani foi pregador sufi, nascido entre 1077/1078, provavelmente na província de Gilan, no Irã, faleceu em 1166 e foi sepultado em Bagdá, Iraque. Fundador da irmandade Qadiriyya, ocupa um lugar de destaque na história do Sufismo.

<sup>27</sup> Shihâb ad-Dîn" Yahya ibn Habash Suhrawardî era persa, nasceu em 1154 em Suhraward, uma vila do Irã, também conhecido como Sohrevari, foi filósofo e fundador da escola iraniana de iluminismo, morreu em 1191 em Alepo, na Síria.

<sup>28</sup> Shahab al-Din Abu Hafs Umar Suhrawardi viveu entre 1145 e 1234, nascido em uma província do Irã, era sobrinho de Abu al-Najib Suhrawardi. Ele expandiu a ordem sufi de Suhrawardiyya que havia sido criada por seu tio, também foi responsável por formalizar oficialmente a ordem. É autor do *‘Awârif al-Ma‘ârif* que é reconhecido como uma obra-prima do sufismo.

<sup>29</sup> Najm ad-Din Kubra foi um sufi nascido no Turcomenistão em 1145 onde morreu em 1221, fundador do *Kubrawiyya*, seu método aplicado na metafísica sufi estava relacionado ao Iluminacionismo.

<sup>30</sup> Abu Hamide ibne Abubacar Ibraim, mais conhecido por seus pseudônimos Faridudin, Faridadin ou Farid al Din e Attar, foi um poeta persa, teórico do sufismo, que teve grande influência na poesia e no sufismo persas, apesar de incerto, acredita-se que nasceu em 1145 no Irã, onde faleceu em 1221.

<sup>31</sup> Maulana Jalaladim Maomé, também conhecido como Rumi de Bactro, ou ainda apenas Rumi ou Mevlana, foi um poeta e teólogo sufi persa. Nasceu em 30 de setembro de 1207, no Afeganistão, e morreu em Konya, na Turquia, no ano de 1273.

<sup>32</sup> Şadr al-Dîn Muhammad ibn Ishâq ibn Muhammad ibn Yûnus Qûnawî, alternativamente, Qûnavî, Qûnyawî, foi um filósofo persa e um dos pensadores mais influentes da filosofia mística sufi, viveu entre os anos de 1210 e 1274 na Turquia.

<sup>33</sup> Francisco de Assis, foi um frade católico nascido na atual Itália em 1182. Depois de uma juventude mundana, voltou-se para uma vida religiosa com votos de completa pobreza, fundou a ordem mendicante dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos, que renovaram o Catolicismo de seu tempo. Faleceu em 1226 em Assis na Itália.

<sup>34</sup> Alberto Magno, foi um filósofo, escritor, cientista e teólogo católico posteriormente venerado como santo. Era um frade dominicano alemão e bispo. Ainda em vida era conhecido como *doctor universalis*, nasceu e morreu na Alemanha 1193 -1280.

<sup>35</sup> Tomás de Aquino foi um frade católico italiano da Ordem dos Pregadores cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica, nasceu em Roccasecca na Itália, em 1225, e faleceu em 1274.

ferramenta de reflexão sobre o texto sagrado.

Os reflexos do contato entre Ibn Arabi e Averróis aguçaram em ambos a reflexão sobre o caminho até Deus.

De um lado Averróis refletia sobre ter dedicado sua vida para obter as respostas que buscava, enquanto para o jovem místico as experiências pareciam tê-lo tocado de forma divina, ou seja, naturalmente. Possivelmente Averróis questionava o porquê de não ter sido o escolhido para receber a iluminação propalada pelo jovem, conforme passagem em Arabi (2004, p. 13/14).

Já Ibn Arabi, após o encontro, passou a aderir às práticas espirituais sufis, dentre elas jejuar, realizar vigílias, meditação e retiros espirituais. Nessas meditações, era comum que passasse várias horas em cemitérios, pois, aos seus olhos, tal local seria essencial para alcançar os mais profundos níveis de experiência mística conforme narra Austin (1980)

Na obra *El divino gobierno del reino humano*, Ibn Arabi conecta seu leitor ao universo soberano da alma, que ele atribui ser canal direto entre o criador e a criatura, certamente, tentando aproximar as pessoas às experiências que ele mesmo vinha vivenciando.

*De la misma forma en que el hombre es creado como el centro del universo y el microcosmos del macrocosmos, el alma es el centro del ser humano y es el representante del Señor<sup>36</sup>. (ARABI, Muhyddin Ibn, 2004, p 47.)*

Para corroborar com suas afirmações, o autor imerge no Alcorão citando passagens fundamentadoras de suas narrativas, fato que torna suas teorias robustas aos olhos dos seguidores de Maomé, é o caso de sua interpretação quanto à alma.

*Oh ttí, alma en completa paz y satisfacción, vuelve a tu Señor, complacida y complacida a Él<sup>37</sup>. (Fayr, 27-28)*

---

<sup>36</sup> Da mesma forma que o homem é criado como centro do universo e do microcosmo do macrocosmo, a alma é o centro do ser humano e é a representante do Senhor.

<sup>37</sup> Oh você, alma em completa paz e satisfação, retorne ao seu Senhor, agrade e agrade a Ele. (Fayr,

A obra de Ibn Arabi é reconhecida tanto no Oriente quanto no Ocidente, entretanto, isso não significa que ele seja uma unanimidade. Sheij Tosun Bayrak al-Jerrahi, quando escreveu a introdução da obra supracitada, deixou claro que mesmo pessoas inteligentes e estudiosas não seriam capazes de digerir os pensamentos de Ibn Arabi, dada a densidade e profundidade de sua escrita, afirma ainda que dependeriam de possuir conhecimentos baseados em um coração puro e crente.

*Durante más de setecientos años el mundo islámico ha mantenido controversias con respecto al Sheij. Muchos lo aman, respetan y admiran, pero también hay quien lo degrada y maldice. Personas de visión y refinada inteligencia han encontrado siempre incontables tesoros en las profundidades del vasto océano de sus palabras y lo han llamado <<ash-shaij al-akban> (el más grande guía espiritual). Pero individuos de mente chata, ciegos de fanatismo, que no pueden penetrar en sus trabajos, lo han insultado llamándolo «ashshaij al-akjan» (el mas grande de los herejes).<sup>38</sup>*

Incompreendido ou aclamado, certamente estamos diante de um legítimo representante do misticismo universal, que ultrapassou as barreiras do Islã e atingiu diretamente o homem, ou, como ele preferiu tratar, sua essência mais divina, a alma.

Ibn Arabi se tornou o grande mestre do islamismo, entretanto, a grandiosidade que esse personagem histórico alcançou só foi possível através da magnitude de suas realizações.

Suas peregrinações se tornaram exemplo de desprendimento e busca pela verdade aos seguidores do islã, sendo que, em muitos casos, a conduta e caráter do místico, em sua vida pessoal, acabam sendo parâmetros tão relevantes quanto seu memoráveis escritos.

As incontáveis obras produzidas<sup>39</sup>, aclamadas e traduzidas, são até hoje objeto de pesquisas e referências. Conhecer a obra de Ibn Arabi, principalmente na

---

27-28)

<sup>38</sup> Durante mais de setecentos anos o mundo islâmico teve controvérsias em relação ao Xeque. Muitos o amam, respeitam e admiram, mas também há quem o rebaixe e amaldiçoe. Pessoas de visão e inteligência refinada sempre encontraram inúmeros tesouros nas profundezas do vasto oceano de suas palavras e o chamaram de <<ash-shaij al-akban> (o maior guia espiritual). Mas indivíduos de mente plana, cegos pelo fanatismo, que não conseguem penetrar nas suas obras, insultaram-no chamando-o de “ashshaykh al-akjan” (o maior dos hereges).

<sup>39</sup> Apêndice I com relação de algumas das principais obras e textos traduzidas de Ibn Arabi.

cultura islâmica, é um estágio avançado místico-filosófico. Entretanto, estando fora da cultura islâmica, isto é, sendo ocidental e cristão e vivente do século XXI, ter a oportunidade de ter referências sobre ele e das obras que produziu se faz muito importante, uma vez que, nos auxilia no processo de compreendermos aspectos da dinâmica de vida e de pensar vivenciadas por pensadores no decorrer do século XII e XIII no espaço islâmico da Península Ibérica. Mediante tal conhecimento podemos apresentar aos leitores do nosso tempo, sejam eles constituídos pelo público estudantil ou aqueles que já estão fora do âmbito escolar, a relevância da produção intelectual desenvolvida na Idade Média, especialmente aquela que foi produto de pensadores islâmicos.

Ibn Arabi sempre atribuiu todos os eventos à vontade divina (causa primeira), somente o criador poderia determinar os acontecimentos. Conforme Interpretação de Sheij Tosun al-Jerrahi ai-Halveti Altay, o que os filósofos chamam de Causa Primeira é a Existência Absoluta do Único. Se outra existência sujeita à existência causal for adicionada a Ele, ela se tornará uma segunda causa, a primeira criação. No universo criado, toda a existência é efeito de uma causa anterior (ARABI, 2004, p. 48).<sup>40</sup>

Baseado nisso, não seria exagero afirmar que o encontro entre ele e Averróis foi a manifestação da vontade de Deus.

## 1.6 RISALATUL HADIYAH – TRATADO DA UNIDADE

No Tratado da Unidade elaborado por Ibn Arabi, escrito por volta de 1220, possivelmente em Damasco, no auge de sua produção literária, encontramos, segundo Helder (2023), um breve resumo sobre suas percepções acerca da Unidade, conceito essencial para interpretar grande parte das obras por ele produzidas.

---

<sup>40</sup> Lo que los filósofos llaman la Causa Primera es la Absoluta Existencia del Uno y Unico. Si otra, existencia sujeta a la existencia causal es añadida a El, esta se convierte en una segunda causa, la primera creación. En el universo creado toda existencia es el efecto de una causa precedente.

Necessário esclarecer que preferimos manter o texto<sup>41</sup> fiel à tradução original de Roberto Plá. Em que pese algumas expressões não estarem em pleno acordo literal, a tradução brasileira foi precedida por uma tradução para o espanhol, retirada do texto francês publicado na revista *Être* de 1977, que já havia sido traduzida do árabe por Abdul-Hadi (HELDER, 2023).

Entretanto, é de salientar que se tratando de traduções de textos antigos de origem oriental, culturalmente diferenciados, as traduções devem ser tratadas com demasiado cuidado, visto que, principalmente na filosofia, palavras cotidianas podem representar conteúdo de indagação filosófica, comprometendo a verdadeira intenção do autor ao escrever o texto originário. Importante destacar tal diferenciação, uma vez que para Ibn Arabi, a Unidade possui uma conotação muito própria, divergindo da linha de pensamento de nossa linguagem metafísica latina.

No *Tratado da Unidade*, Ibn Arabi questiona o que chamamos de realidade, posto que, para ele, não existe nada de real nisso. Em outras palavras, as coisas que existem no mundo, sobretudo o homem, na verdade, (para ele não existe). Tais coisas, para Ibn Arabi seriam somente reflexo da causa, onde Deus é a causa de todas as coisas, e a coisa de toda causa.

*Com relação a Ele não há antes, nem depois; nem alto nem baixo; nem próximo, nem longe, nem como, nem quê, nem donde, nem estado, nem sucessão de instantes, nem tempo, nem espaço, nem ser. Ele é tal como é. Ele é o Único sem necessidade da Unidade. Ele é o singular sem necessidade da Singularidade.*

Essa, segundo Helder, é a essência do *Tratado da Unidade*.

Conforme o mesmo autor, para exemplificar a sua forma de pensar, Ibn Arabi fez uso do capítulo 25 do evangelho de Matheus, especificamente dos versículos 31 a 46: (HELDER, 2023).

<sup>31</sup> E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

<sup>32</sup> E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

---

<sup>41</sup> Tradução do Tratado da Unicidade de Ibn Arabi, por Roberto Plá, 1979, apresentada em Apêndice II.

<sup>33</sup> E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

<sup>34</sup> Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

<sup>35</sup> Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

<sup>36</sup> Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver.

<sup>37</sup> Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

<sup>38</sup> E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

<sup>39</sup> E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

<sup>40</sup> E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

<sup>41</sup> Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;

<sup>42</sup> Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber;

<sup>43</sup> Sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes.

<sup>44</sup> Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos?

<sup>45</sup> Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim.

<sup>46</sup> E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.

(Mateus 25:31-46)

Ainda segundo Helder, entender o *Risalatul Hadiyah* (Tratado da Unidade) de Ibn Arabi se mostra essencial para dar continuidade ao conhecimento de suas incontáveis obras, visto que, invariavelmente, o mestre sufi produz reflexões e citações baseando-se na Causa Primeira, reflexo da – em sua visão – inquestionável Existência Absoluta do Único: Allah. Conforme apresentado no referido tratado:

Glória à Allah, ante cuja Unidade não há nada anterior, que não é Ele, que é o Primeiro! Glória à Allah, depois de cuja Singularidade não há um depois, se não é Ele, que é o Último. Com relação a Ele não há antes, nem depois; nem alto nem baixo; nem próximo, nem longe, nem como, nem quê, nem donde, nem estado, nem sucessão de instantes, nem tempo, nem espaço, nem ser. Ele é tal como é. Ele é o Único sem necessidade da Unidade. Ele é o singular sem necessidade da Singularidade.

No entanto, não é nosso propósito no presente texto proporcionar ao leitor a compreensão do Tratado da Unidade. Apresentamos algumas referências sobre ele e, principalmente, noticiamos a existência de uma ampla produção filosófica desenvolvida ao longo dos séculos XII e XIII, séculos normalmente enfatizados nos textos historiográficos, em virtude das batalhas ocorridas entre cristãos e muçulmanos em busca da conquista do solo ibérico.

Apresentar Averróis e Ibn Arabi ao público estudantil brasileiro e oferecer notícias sobre a produção filosófica deles é uma forma de contribuirmos para um despertar cultural sobre o islamismo. Despertar, que funcione como motor e motivador do interesse de estudantes a virem a desenvolverem estudos, debates e, num futuro próximo, pesquisas tendo como fontes os escritos desses importantes pensadores.

## REFERÊNCIAS

AL-JABRI, M. A. **Introdução à crítica da razão árabe**. São Paulo: Unesp, 1999.

AMINRAZAVI, M. A short introduction to islamic philosophy, theology and mysticism. **Philosophy East and West**, Oxford, v. 50, n. 1, p.148, Jan. 2000.

Disponível em:

[link.gale.com/apps/doc/A62496654/LitRC?u=googlescholar&sid=googleScholar&xid=ab6d7810](https://link.gale.com/apps/doc/A62496654/LitRC?u=googlescholar&sid=googleScholar&xid=ab6d7810). Acesso em: 30 set. 2023.

ARABI, I. **A alquimia da felicidade perfeita**. Tradução e prefácio de Roberto Ahmad Cattani. São Paulo: Landy Editora, 2002.

ARABI, I. **Al-futuh al-makkiya**. Les Illuminations de la Mecque. Edição de Michel Chodkiewicz. Paris: Albin Michel, 1997.

ARABI, I. **El divino gobierno del reino humano**. Tradução de Afife Traverso y Emilio Alzueta. Interpretação de Sheij Tosun al-jerrahi ai-Halveti Altay. Córdoba: Comunicación Gráfica, 2004.

ARABI, I. **Ruh al-quds & al-Durrat al-fakhirah – Sufis of Andalusia**. Tradução de Ralph Austin. 2. ed. Lahore: Suhail Academy, 1999.

ATTIE FILHO, M. **Falsafa: a filosofia entre os árabes: uma herança esquecida**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

AUSTIN, R. W. J. Introduction. In: ARABI, I. **The bezels of wisdom**. Mahwah: Paulist Press, 1980.

AVERRÓIS: quem foi o filósofo muçulmano mais conhecido no Ocidente?. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://historiaislamica.com/pt/quem-foi-averrois-ibn-rushd-filosofo/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BAKRI, B. R. **Ibn Arabi: a genialidade do maior místico do Islã**. São Paulo: Monitor do Oriente Médio.com, 2021. Disponível em: [www.monitordooriente.com/20210707-ibn-arabi-a-genialidade-do-maior-mistico-do-islam/](http://www.monitordooriente.com/20210707-ibn-arabi-a-genialidade-do-maior-mistico-do-islam/). Acesso em: 12 jan. 2023.

BENATO, S. R. **Ibn 'Arabi**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica, Judaica e Oriental, 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/site/nurunifesp/galeria-de-autores/ibn-arabi>. Acesso em: 23 set. 2023.

BENATO, S. R. **O coração de si mesmo – identidade essencial no pensamento de Ibn Arabi**. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2008.

BENMAKHLOUF, A. **Averróis**. Tradução de Geraldo Jesus de Freitas. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

DIA DE LA HISPAMIDAD CEDEÑO, 2016, Al Hocienda. **Anais** [...] Al

Hocienda/Marrocos: Instituto Español Melchor de Jovellanos, 2016.

CHITTICK, W. **Mundos Imaginales: Ibn al-Arabi y la diversidad de las creencias**. Madrid: Mandala Ediciones, 2003.

COVELLI, A. R. M. **Ibn Rusd: A noção de ta'wil no Fasl Almaqal**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CRUZ HERNÁNDEZ, M. **La filosofía árabe**. Madrid: Revista de Occidente, 1963.

**DR. AVERRÓIS**, presumo.... [S.l.: s.n.], 2022, Disponível em: <https://sufi-tavern.com/sufi-doctrine/dr-averroes-i-presume/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SILVA FILHO, M. A. da. Sufismo: a importância da mística islâmica no desenvolvimento histórico do islã. **Revista de Estudos da Religião, REVER**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 63-83, 2013.

GILSON, E. **A filosofia na idade média**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GUELLOUZ, A. **O Alcorão**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

HELDER, S. L. Muhyi-d-din Ibn 'Arabî **Tratado da Unidade - Risalatul Hadiyah**. Tradução de Roberto Plá. Paris: Être, 1977.

HIRTENSTEIN, S. **O Compassivo Ilimitado – A vida e o pensamento espiritual de Ibn 'Arabi**. Rio de Janeiro: Fissus, 2009.

MOUSSALLI, A. **Wahhabism, Salafism and Islamism: Who's the enemy?**. [S. l.: s. n.], jan. 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/560657/Wahhabism\\_Salafism\\_and\\_Islamism\\_Who\\_is\\_the\\_Enemy](https://www.academia.edu/560657/Wahhabism_Salafism_and_Islamism_Who_is_the_Enemy). Acesso em: 22 fev. 2023.

MATEUS, N. T. Novo Testamento: **Bíblia In: BÍBLIA Sagrada**. 3. ed. São Paulo, SP: Editora NVI, 2023.

OLIVEIRA, P. C. Averróis e a religião do filósofo. **Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia**, v. 8, n. 19, set. 2016.

MUNAJJID, M. S. **O significado de Tawhid e suas categorias**. São Paulo: [s. n.], 2020. Disponível em <https://islamqa.info/pt/answers/49030/o-significado-de-tawhid-e-suas-categorias>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CONHECENDO Ibn Arabi: sua vida e ensinamento. [S. l.]: Ibn 'Arabi Society, 2018. Disponível em [www.ibnarabisociety.org](http://www.ibnarabisociety.org). Acesso em: 10 jan. 2023.

ZAYAS, R. **Ibn Arabi ou le Maître d'amour**. Paris. Atlântica, 1998.

## 1.8 APÊNDICE I

Até o presente momento não foi possível apontar com exatidão o tamanho do acervo produzido por Ibn Arabi, entretanto, autores, como Majid Fakhry, em *A Short Introduction to Islamic Philosophy, Theology and Mysticism*, p. 80, diz que sua obra consta de 846 livros, dos quais sobreviveram 550, entre impressos e manuscritos. Por vezes alguns de seus capítulos são desmembrados em tratados e livros, o que torna difícil o consenso.

A *Muhyddin Ibn 'Arabi Society* (Oxford), organização que coleta informações e pesquisas em torno de Ibn Arabi, afirma que são conhecidos em torno de 100 manuscritos de próprio punho e assinados pelo Mestre. Foram preservados principalmente pelas bibliotecas de mesquitas e universidades turcas. Os manuscritos estão sendo digitalizados, incluindo coleções privadas em Berlim, Cairo, Marrocos, entre outros.

Abaixo uma breve relação de obras e textos atribuídos a Ibn Arabi, dedicados ao sufismo, com traduções em variadas línguas:

### **Traduzida para o português do Brasil**

- *Epístola das Luzes* (Risālāt al-Anwār), 2023, Editora Bismillah.
- *O Segredo dos Nomes de Deus*, 2020, Attar Editorial.
- *A Alquimia da Felicidade Perfeita*, 2002, Editora LANDY.

### **Traduzida para o português de Portugal**

- *O Adorno dos Abdāl* (Hilyat al-Abdāl). Edição bilingue comentada por Mário Vieira. Al-Barzakh, Vale do Infante, 2007. ISBN 972-9098-94-8
- *Epístola das Luzes* (Risālāt al-Anwār). Edição bilingue comentada por Mário Vieira. Al-Barzakh, Vale do Infante, 2009. ISBN 978-989-95273-2-4

### Traduzida para o francês

- *Le livre de l'Extinction dans la Contemplation (Kitâb al-fanâ fî l-mushâhada)*, 1984
- *Le Traité de l'Amour*, ch. 178 des *Al-Futûhât al-Makkiya, Illuminations de La Mecque*, trad. Maurice Gloton, Albin Michel, col. "Spiritualités vivantes", 1986
- *Le Traité de l'Unité* d'Awhad al-Din Balyani, atribuído incorrectamente a Ibn 'Arabi
- *Le Voyage vers le Maître de la Puissance. Manuel soufi de méditation (Traité sur les lumières dans les secrets accordés à celui qui entreprend la retraite. Risalat-ul-anwar fima yumnah sahib al-khalwa min al-asrar)*, trad. (1987) da tradução inglesa, Pocket, 1994.
- *Les Illuminations de La Mecque* (Le livre des Conquêtes Spirituelles mecquoises) (*Al-Futûhât al-Makkiyya*, 1203-1238), tradução Michel Chodkiewicz (1988), Albin Michel, col. "Spiritualités vivantes", 2008, 353 p.
- *Le livre des chatons des sagesse (Kitâb Fusûs al-hikam)*, tradução integral, edições AL-Bouraq, 1999. Disponível noutra versão: *La Sagesse des Prophètes*, trad. parcial, Albin Michel, coll. "Spiritualités vivantes", 1974, réed. 2008.
- *L'Alchimie du Bonheur parfait*, das *Illuminations de La Mecque*, Berg International, 1981 ISBN 2-900269-17-2
- *L'interprète des désirs ardents (Tardjumân al-ashwâq)*, trad. M. Gloton, Albin Michel, col. "Spiritualités vivantes", 1996. Disponível outra versão: *Le Chant de l'ardent désir*, tradução Sami Ali, éd. Sindbad, Paris, 2006 ISBN 2742765027.
- *L'Arbre du Monde*, Paris, 1982.
- *La production des cercles (Kitâb inshâ' ad-dawâ'ir al-ihâtiyya)*, edição do texto árabe Nyberg, tradução e introdução Paul Fenton e Maurice Gloton, Éditions de l'Éclat, 1996.
- *le livre de l'arbre et des quatre oiseaux (Risâlat al-ittihâd al-kawnî)*, trad. D. Gril, Les Deux Océans, 1984.
- *L'Harmonie parfaite d'Ibn Arabi*, Albin Michel, 2001. Com caligrafias de Hassan Massoudy.
- *La prière du jour du vendredi: extracto do capítulo 69 de Al-Futûhât al-Makkiya*, éd. al-Bustane, Paris, 1994 ISBN 291085602X

- *Les trente-six attestations coraniques de l'unité*, éd. al-Bustane, Paris, 1994 ISBN 2910856011
- *Le Maître d'amour*, ilustrações de Nja Mahdaoui, texto de Rodrigo de Zayas - éd. Albin Michel.
- *Le dévoilement des effets du voyage (Kitâb al-isfâr 'an natâ'ij al-asfâr)*, edição do texto árabe, tradução, introdução e notas de Denis Gril, Éditions de l'Éclat, 1994, texto online
- *La vie merveilleuse de Dhû-l-Nûn l'égyptien (al-Kawkab al durrî fî manâqib Dhi l- Nûn al-Misrî)*, trad. Roger Deladrière, éd. Sindbad, Paris, 1994 ISBN 2727401575
- *La profession de foi (Tadhkirât al-khawâçç)*, trad. Roger Deladrière, éd. Sindbad, Paris, 1995 ISBN 2727401964
- *Les soufis d'Andalousie*, traduit par R. W. J. Austin, éd. Sindbad, Paris, 1995 ISBN 2727401551
- *Le livre des contemplations divines (Kitâb Mashâhid l'asrar al-qudsiyya wa matâli' al-anwâr al-ilâhiyya)*, trad. Stéphane Ruspoli, éd. Sindbad, Paris, 1999 ISBN 2742723935
- *De la mort à la résurrection*, trad. Maurice Gloton, éd. Bouraq, Paris 2009 ISBN 9782841613618
- *Les secrets des noms de Dieu*, trad. Pablo Beneito, éd. Bouraq, Paris 2010 ISBN 9782841611874
- 

#### **Traduzida para o castelhano**

- *El esplendor de los frutos del viaje*, trad. Carlos Varona Narvión. Madrid, Ediciones Siruela, 2008. ISBN 978-84-9841-213-0
- *El libro de la extinción de la contemplación*, Málaga, Editorial Sírio, 2007 ISBN 978-84-7808-542-2
- *Los sufíes de andalucía*, Málaga, Editorial Sírio, 2007. ISBN 978-84-7808-553-8
- *Textos sobre el ayuno de Ibn Arabi*, Madrid, Mandala ediciones, 2005. ISBN 978-84-88769-86-2

- *La taberna de las luces: poesía sufí de Al-Ándalus y el Magreb (del siglo XII al siglo XX)*, Murcia, Editora regional de Murcia , 2004. ISBN 978-84-7564-279-6
- *El divino gobierno del reino humano. Lo que necesita el buscador. Tratado sobre el Uno y Único*, Córdoba, Almuzara, 2004. ISBN 978-84-933901-0-5
- *Tratado de la unidad y otros textos sufíes*, Palma de Maiorca, José J. de Olañeta, 2004. ISBN 978-84-9716-338-5
- *Las contemplaciones de los misterios*, Murcia, Editora regional de Murcia, 2003. ISBN 978-84-7564-265-9
- *El intérprete de los deseos: Taryuman Al-Aswaq*, Murcia, Editora regional de Murcia, 2002. ISBN 978-84-7564-241-3
- *Tratado de la unidad*, Barcelona, Índigo, 2002. ISBN 978-84-89768-67-3
- *Las iluminaciones de la meca: textos escogidos*, Madrid, Ediciones Siruela, 1996. ISBN 84-7844-309-6
- *Los engarces de la sabiduría*, Madrid, Ediciones Hiperión, 1991. ISBN 84-7517-332-2
- *Casidas de amor profano y místico*, México, Porrúa, 1988. ISBN 978-968-08-6402-7

## 1.9 APÊNDICE II

### Tratado da Unidade - (Risalatul Hadiyah)

Ibn Arabi

Em Nome de Allah, o Misericordioso, o Misericordador! Nós imploramos sua ajuda!

Glória à Allah, ante cuja Unidade não há nada anterior, que não é Ele, que é o Primeiro!

Glória à Allah, depois de cuja Singularidade não há um depois, se não é Ele, que é o Último.

Com relação a Ele não há antes, nem depois; nem alto nem baixo; nem

próximo, nem longe, nem como, nem quê, nem donde, nem estado, nem sucessão de instantes, nem tempo, nem espaço, nem ser. Ele é tal como é. Ele é o Único sem necessidade da Unidade. Ele é o singular sem necessidade da Singularidade.

Ele não compõe-se de nome, nem de denominação, porque Ele é o nome e é o denominado. Não há nome salvo Ele. Não há denominado salvo Ele. Por si se diz que Ele é o nome e o denominado.

Ele é o Primeiro sem anterioridade. Ele é o Último sem posteridade. Ele é Evidente sem exterioridade. Ele é Oculto sem interioridade. Porque não há anterior, nem posterior; não há exterior, nem interior, senão Ele.

É necessário compreender este Mistério para não cair no erro dos que crêem nas encarnações da divindade. Ele não está em nenhuma coisa, e nenhuma coisa está em Ele. É preciso conhecer-lhe porém não pela ciência, pela inteligência, pela imaginação, pela sagacidade, pelos sentidos, pela visão externa, pela visão interna, pela compreensão ou raciocínio.

Nada, salvo Ele mesmo, pode ver-se. Nada, salvo Ele mesmo, pode compreender-se. Nada, salvo Ele mesmo, pode conhecer-se. Nada distinto de Ele pode ocultar-se. Ele se vê e se conhece a Si mesmo. Seu velo impenetrável é sua própria Unidade. Ele é seu próprio velo. Seu velo é sua própria existência. Sua Unicidade o vela de forma inexplicável.

Nada o viu, o vê, ou poderá vê-lo jamais. Nenhum profeta enviado nem nenhum santo perfeito ou anjo a ele se aproxima. Seu Profeta é Ele. Seu mensageiro é Ele. Sua mensagem é Ele. Sua Palavra é Ele. Ele mandou sua Ipseidade com Ele mesmo, de Ele mesmo à Ele mesmo, sem nenhum intermediário ou causalidade exterior a Ele mesmo. Nenhuma diferença de tempo, espaço ou natureza há entre Ele que envia sua mensagem, a mensagem e o destinatário da mensagem.

Sua existência está unicamente nos textos da profecia. Não obstante, apenas Ele existe e não pode deixar de existir posto que jamais veio a existir. Por

isso disse o Profeta: “Quem conhece a si mesmo conhece a seu Senhor. Também disse: “Eu conheço a meu Senhor, por meu Senhor”. O Profeta de Allah gostaria de fazer-te compreender que tu não és tu, senão Ele: Ele e não tu; que Ele não cabe em ti e tu não cabe n'Ele; que Ele não sai de ti e tú não sai d'Ele.

O que quero dizer é que tu não é, ou possuiu tal ou qual qualidade, que não existes e que não existirás jamais, nem por ti mesmo, nem por Ele, n'Ele ou com Ele. Tu não podes cessar de ser, porque não és. Tú és Ele e Ele és tu, sem nenhuma dependência ou causalidade. Se alcanças a reconhecer na tua existência essa causalidade do nada, então conheces a Allah. No outro caso, não.

A maior parte dos iniciados dizem que a Gnosis, o Conhecimento de Allah, vem em seguida da extinção (faná) da existência e da extinção desta extinção (fanâ el-fanâ'i). Porém esta opinião é falsa, pois parte de um erro explícito. A Gnosis não exige a extinção da existência e a extinção desta extinção, sensivelmente porque as coisas não têm nenhuma existência e o que existe não pode deixar de existir. Dizer que uma coisa deixou de existir, que não existe já, equivale a afirmar que existiu. Porém se conheces a ti mesmo, a dizer, se podes conceber que não existes e que, por tanto, não podes extinguir-se jamais, então conheces a Allah. Em outro caso, não.

Atribuir à Gnosis a extinção (faná) e a extinção da extinção (fanâ el-fanâ'i) é um credo idólatra. Se atribuíres à Gnosis a fanâ y a fanâ el-fanâ'i, pretendes que algo distinto de Allah possa gozar de existência. Isto é negar-Lhe e então és formalmente culpado de idolatria. O Profeta disse: “Quem conhece a si mesmo, conhece a seu Senhor”. Se se afirma a existência de algo distinto não se deve falar de sua extinção, porque não pode falar da extinção daquele que afirma.

Tua existência é nada e “nada” não é referido a alguma cousa, temporal ou não. O Profeta disse: “Tu não existe agora e tampouco existias antes da criação do mundo”. A palavra “agora” significa, como presente absoluto, a eternidade sem começo e sem fim. Porém Allah é eternidade sem começo, e a eternidade sem fim, tanto como a origem. Estes três aspectos da eternidade são Ele, Allah é estes três aspectos da eternidade sem que Ele deixe, por isso, de ser absoluto. Se Ele não

fora assim, sua Solidão não existiria. Ele não careceria de companhia. Porém é de necessidade racional, dogmática e teológica que Ele não tenha parceira possível. Sua parceira seria aquela que existira por si mesmo e não por existência de Allah, e seria, conseqüentemente, um segundo Senhor Allah, o que é impossível. Allah não tem parceira, nem semelhança nem equivalência.

Aquele que vê uma coisa com Allah, de Allah ou em Allah, fazendo-a independente de Allah, por seu próprio senhor, converte esta coisa em parceira de Allah, independente de Ele, pelo senhorio. Aquele que pretenda que uma coisa possa existir com Allah – pouco importa que esta coisa exista por ela mesma ou por Ele – e que ela mesma extinga sua existência, ou a extinção de sua existência – um homem tal, digo eu -, está longe de ter a menor percepção de conhecimento de si mesmo. Porque aquele que pretende que algo distinto d'Ele possa existir – pouco importa que seja por si mesmo, ou por Ele ou n'Ele – que pode desaparecer e extinguir-se, que pode extinguir-se a extinção também, etc., etc., tal homem entra em um círculo vicioso. Tudo isso é idolatria e nada tem a ver com a Gnosis. Tal homem é idólatra e não conhece nada de Allah, nem de si mesmo.

Se se pergunta por quê meio se chega a conhecer a si mesmo, isto é dizer, o “proprium”, a alma e a conhecer a Allah, a resposta é: A estrada até estes dois conhecimentos está indicada com estas palavras: “Allah é e nada com Ele. Ele é agora tal como era”. Se alguém diz: “Eu vejo minha alma, meu “proprium”, meu mim-mesmo, distinto de Allah e não vejo que Allah seja minha alma.”, a resposta é: O Profeta expressa com o termo “alma” o “proprium” ou “si mesmo” (ti mesmo), e não o elemento psíquico de tua existência particular, que se chama as vezes de “alma imperiosa”, ou “aquela que tende irresistivelmente ao mal”, ou “a alma que julga” ou “alma tranquila”, etc. O Profeta disse também: “Faça-me ver. Oh Allah!, as cousas tais como são”, designando por “as cousas” tudo o que não é Allah – que Ele seja exaltado!

Com isto o Profeta quis dizer: “Faça-me conhecer o que não és Tu, a fim de que saiba eu, a fim de que conheça eu, a verdade sobre as cousas, se elas são Tu, ou distintas de Ti. Carecem elas de começo ou de fim, ou bem foram criadas e não de desaparecer?” Então Allah lhe permitiu ver que tudo o que não é Ele, incluindo o

“si mesmo” do homem, não tem nenhuma existência. E viu que as cousas tal como são: quero dizer que viu as cousas são a “quididade” de Allah fora do tempo, do espaço e de todo atributo.

O termo “as cousas” pode se aplicar à alma, ou não importa sobre quê outra cousa. A existência da alma e das cousas se identificam ambas na ideia geral de “cousa”, pelo que quem conhece sua alma, seu si mesmo, conhece ao Senhor. Aquele que tu crês ser distinto de Allah, não é senão Allah, porém tu não o sabes. Tu O vês e não sabes que O vês. Desde o momento em que este mistério tenha sido desvelado a teus olhos – que não és distinto de Allah – saberás qual é o fim de ti mesmo, que não tem necessidade de pesar, que jamais deixou de ser e que não deixará jamais de ser. jamais, como já o temos explicado.

Todos os atributos de Allah são teus atributos. Verás que teu exterior é Seu, que teu interior é Seu, que teu começo é Seu e que teu fim é Seu. E isto, incontestavelmente, sem dúvida alguma. Verás que tuas qualidades são as Suas e que tua natureza íntima é a Sua. E isto sem que te convertas n'Ele, ou que Ele se converta em ti, sem transformação, sem diminuição ou aumento algum.

“Todo morto salva sua Face”, no exterior e no interior. Isto quer dizer que não existe nada distinto d'Ele, que algo distinto d'Ele não tem existência. Por isso o que parece distinto de Ele será necessariamente perdido, pois o que importa é sua Face. Dito de outra maneira: Nada há permanente salvo sua Face.

Um exemplo: um homem ignora alguma cousa e depois a aprende. Com isto não é sua existência que se acaba, senão sua ignorância. Sua existência continua porque não foi substituída pela de outro. A existência do sábio não vem a desaparecer a do ignorante, nem se produziu nenhuma mistura das existências individuais. Apenas a ignorância foi eliminada. Não penses, por tanto, que é necessário acabar tua existência, porque então te envolves com tua própria extinção e te convertes, por assim dizer, no velo de Allah. Como este velo é distinto de Allah, segue-se que algo distinto de Allah pode vencer-lhe repousando seu olhar sobre Ele, o que é um erro e uma grave mentira.

Dissemos acima que a Unicidade e a Singularidade são os únicos velos de Allah. Por isto está permitido ao “Wâçil”, isto é, ao que alcançou o Ser, dizer: “Glória a mim, pois minha existência é grande”. Tal “Wâçil” não chegou a um estado tão sublime antes de ver que seus atributos são os atributos de Allah, e que seu ser íntimo é o ser íntimo de Allah, sem nenhuma transformação de atributos ou transubstanciação do ser íntimo; sem nenhuma entrada em Allah ou saída d'Ele. Tal “Wâçil” vê que não se apaga em Allah, que não persiste com Allah, que sua alma, isto é dizer, seu “proprium”, não existe de todo, como existiu até então, pois ao apagar-se não sobre alma, nem existência salvo a Sua.

O Profeta disse: “Não insultes ao Século, porque é Allah”. Com estas palavras quis dizer que a existência do Século é a existência de Allah – que Ele seja glorificado e exaltado! - Ele é demasiado elevado para ter um companheiro, um semelhante ou um equivalente qualquer. O Profeta disse, segundo uma tradição: “Allah disse: meu servo: estive enfermo e não me visitou. Tive fome e não me deu de comer. Te pedi abrigo e me negou”. Com isto quis dizer que Ele era o enfermo e o mendigo. E se o enfermo e o mendigo podem ser Ele, também tu e todas as cousas da criação, acidentais ou substanciais, podem ser Ele. Quando se descobre o enigma de um átomo apenas, pode-se ver o mistério de toda a criação, tanto interior como exterior.

Verás que não é que Allah criou todas as cousas, senão que tanto o mundo invisível como o visível não há [ser] mais que Ele, porque nenhum dos dois mundos há um só ponto de existência própria. Verás que Ele não é só Seu Nome, senão que Ele é o nome e o que se nomeia, assim como o ser de ambos. Verás que não é que Ele tenha criado todas as cousas de uma só vez, senão que “Ele é o Criador Sublime e de todos os dias”, pela expansão e ocultação de Sua existência e de Seus atributos. Muito além de toda condição inteligível.

“Porque Ele é o Primeiro e o Último, o Exterior e o Interior.

Ele aparece em Sua unidade e se esconde em Sua singularidade.

Ele é o Primeiro por Su “perseidad”.

Ele é o Último por Sua eterna permanência.

Ele é o ser do Primeiro e do Último, do exterior e do Interior.

Ele é Seu nome e o que é nomeado”.

Como seu ser é fatal, lógico e dogmático, igualmente é fatal que nada seja - distinto d'Ele. O que imaginamos que é distinto d'Ele não é no fundo mais que uma dupla existência, pois a existência d'Ele significa que não existe uma dupla existência que seria seu semelhante. Não há nada distinto d'Ele, porque Ele está isento do que seja distinto d'Ele seja distinto d'Ele. Aquilo que é distinto é também Ele, sem nenhuma diferença interior ou exterior. O que deste modo possui atributos sem número nem fim.

O que é assim qualificado, possui inumeráveis atributos. O que morre, no sentido próprio da palavra, se separa de todos os atributos, sejam estes louváveis ou repreensíveis. De igual maneira, o que morre, no sentido figurado, se separa de todos seus atributos, sejam esses louváveis ou repreensíveis. Allah – Que Ele seja bendito e exaltado! -, está em seu lugar em todas as circunstâncias. A “natureza íntima” de Allah está na “natureza íntima”; os atributos de Allah estão em seus “atributos”. Por isso o Profeta – Que Allah o ajude e o salve! - disse: “Morreis antes de morrer”, isto é dizer: “Conhecei-vos a vós mesmos” (vossa alma, vosso “proprium”) antes de morrerdes”

Também disse o Profeta: “Allah disse: meu adorador não cessa de aproximar-se a mim por suas obras abundantes até que Eu o ame. E quanto Eu o amo, Sou Seu ouvido, Sua visão, Sua língua, Sua mão, etc...” O Profeta quis dizer: aquele que aniquila sua alma – seu “proprium” – isto é dizer, o que se conhece a si mesmo, vê que toda sua existência é Sua existência. Não vê nenhum cambio em sua “natureza íntima” ou em seus atributos. Não vê nenhuma necessidade de que seus atributos se convertam nos Seus, porque compreendeu que sua própria natureza íntima” não é o mesmo, que até então havia ignorado seu “próprium”, ou seja, quem Ele verdadeiramente é, na sua medula.

Quando conheceres quem és verdadeiramente, teu “proprium”, terás te desembaraçado de teu dualismo e saberás que não és, nem nunca foi, distinto de Allah. Embora se tiveres uma existência independente, uma existência “distinta de Allah”, não conseguirás olvidar, isto é, conhecer teu “proprium”. Será um Senhor

Deus distinto d'Ele. Que Allah seja bendito de maneira que não haja um Senhor Deus distinto de Ele!

O interesse do conhecimento de teu “proprium” consiste em que obtenhas a certeza absoluta de que tua existência não é nem uma realidade nem uma “nadidade”, senão que tu não es, não foste e não serás jamais. Compreenderás claramente que o sentido da fórmula: “Não há Deus, se este não é Deus”(La ilah ill'Allah), é dizer não há um Deus distinto d 'Ele, não há uma existência distinta d'Ele, não há um “distinto” distinto de Ele e não há um Deus se este não é Ele.

Se alguém objecciona: “Tu aboliu seu Senhorio”, eu respondo: “Não aboli seu Senhoria, porque Ele não cessa de ser um Senhor magnificente, nem cessa de ser adorador magnificado. Ele não cessa de ser Criador, nem cessa de ser criado. Ele é agora tal como era. Seus títulos de Criador, ou de Senhor magnificente, não estão condicionados pela existência de uma cousa criada, ou de um adorador magnificado. Antes da criação das cousas criadas, Ele possuía todos os seus atributos, Ele é agora tal como era.

Não há nenhuma diferença, em sua Unidade, entre a criação e a preexistência. Seu título de Exterior implica a criação das cousas e seu título de Oculto ou Interior implica a preexistência. Seu interior ou Seu Exterior (Sua expansão, sua Evidência) são como Seu exterior ou Seu interior; Seu primeiro e Seu último são como Seu último e Seu primeiro. O todo é único e o único é todo. Ele é qualificado: “Todos os dias está Ele no estado de Criador Sublime; nada distinto d'Ele está com Ele. Ele é agora tal como era”.

Em verdade, o distinto d' Ele não é. “Tal como era”, eternamente, “todos os dias no estado de Criador Sublime”. Não há nenhuma cousa com Ele e nenhum dia de criação, como não há na preexistência nenhuma cousa, nem nenhum dia, porque a existência das cousas, ou seu nada, é todo Um. Se não fosse assim, Ele haveria necessitado a criação de alguma cousa nova que não estivera compreendida em sua Unidade, o qual seria absurdo. Seu título de Único o faz demasiado glorioso para que uma suposição semelhante fosse verdadeira.

Quando podes ver teu “proprium”, assim qualificado, sem combinar a Existência Suprema com um Adversário, companheiro, equivalente ou associado qualquer, então o conheces tal como és, isto é dizer, o conheces verdadeiramente. Por isso o Profeta disse: “Quem se conhece a si mesmo, conhece a seu Senhor”. Não disse: “Quem extingue seu si mesmo, seu “proprium”, conhece seu Senhor”, porque Ele “sabe” e “vive” que nenhuma coisa é distinta d' Ele e por isso diz a continuação que o conhecimento de si mesmo é a Gnosis, ou seja, o Conhecimento de Allah. Tens que conhecer o que és, teu “proprium”, isto é dizer, teu ser; tens de conhecer que no fundo tu não eras tu, porém tu não o sabias.

Tens de saber que o que tu chamas tua existência, não é em realidade nem tua existência. Tens de saber que tu não eras existente, nem eras o nada, que não eras distinto de ser existente, nem distinto do nada. Tua existência e tua “nacidade” constituem Sua Existência absoluta, aquela que não podes nem deves discutir se És ou não És.

A substância do teu ser ou de teu nada é Sua Existência. Quando vês que a cousas não são distintas de tua existência e da Sua, e quando podes ver que a substância de Seu Ser é teu ser e teu nada nas cousas, sem ver que nada seja com Ele ou n 'Ele, então significa que conheces tua alma, teu “proprium”. Quando se conhece a si mesmo de tal maneira, ali está a Gnosis, o conhecimento de Allah, mas além de todo erro, dúvida ou combinação de algo temporal com a eternidade, sem ver na eternidade, por ela ou junto a ela, outra coisa que a eternidade.

Se alguém pergunta: “Como se opera a União, posto que afirmas que só Ele é? Uma coisa que é única não pode unir-se a mais que com ela mesma”. A resposta é: “Em verdade, não há união nem separação, como não há distanciamento nem aproximação. Se pode falar de união entre dois ou mais e não quando se trata de uma coisa única. A ideia de união ou de chegada comporta necessariamente a existência de duas cousas ao menos, análogas ou não. Se são análogas, são semelhantes. Se não são análogas, formam oposição. Porém Allah – que Ele seja Exaltado! - está isento de toda a semelhança, assim como de todo rival, contraste ou oposição. O que se chama ordinariamente “união”, proximidade ou distanciamento, não são tais cousas no sentido próprio da palavra. Há união

sem significação, aproximação sem proximidade, e distanciamento sem ideia alguma de distância.

Se alguém pergunta: “Que é a uno sem a união, o próximo sem a proximidade ou o distante sem a distância?” A resposta é: “Quero dizer que no estado que chamas “proximidade” não és distinto d' Ele – que Ele seja exaltado! -. Tú não és distinto d' Ele, porém não conheces teu “proprium”; não sabes que és Ele e não tu. Quando chegares a Allah, isto é dizer, quando te conheceres a ti mesmo, “sem a literatura acerca do conhecimento”, conhecerás que eras Ele e não saberás diante se eras Ele ou não. Quando o conhecimento te chegar, saberás que conhecestes Allah por Allah e não por ti mesmo.

Vejamos um exemplo: suponhamos que não sabes que teu nome é Mahmûd ou que deves chamar-te Mahmûd – porque o verdadeiro nome e o que o leva são, em verdade, idênticos. Tu imaginas que te chamas Muhammad, mas depois de algum tempo de vida no erro, acabas sabendo que eras Mahmûd e que jamais foste Muhammad. Tua existência continua igual, sem ver-se afetada pelo fato de que o nome Muhammad foi retirado de ti. O que ocorre é que soubes que eras Mahmûd e que jamais foste Muhammad. Porém tu não deixaste de ser Muhammad pela extinção de ti mesmo, já que deixar de existir (fanâ) supõe a afirmação de uma existência anterior. Mas aquele que afirma uma existência fora d' Ele, lhe produz um associado – que Ele seja bendito e Seu Nome exaltado!. Neste exemplo, Mahmûd não perdeu de todo nada. Muhammad nunca “respirou” (nafasa) em Mahmûd, nunca entrou nele ou saiu dele. Igual ocorre com Mahmûd, com relação a Muhammad. Tão pronto como Mahmûd conheceu que ele é Mahmûd e não Muhammad, conheceu-se a si mesmo, isto é dizer, conheceu seu “proprium” e isto por si mesmo e não por Muhammad. Este último não existiu jamais, logo como poderia informar sobre alguma coisa?

“Aquele que conhece” e “o que é conhecido” são idênticos, e o mesmo ocorre com “aquele que chega” e “aquele a qual se chega”; “aquele que vê” e “o que é visto”. São idênticos, “Aquele que sabe” é Seu atributo. “O que é sabido” é sua substância (N.t: Ser) ou “natureza íntima”. “Aquele que chega” é Seu atributo e “aquele que chega” é Sua substância. Porque a qualidade e aquele que a possui

são idênticos. Tal é a explicação da fórmula: “Quem conhece a si mesmo, conhece a Seu Senhor”. Quem capta os sentidos desta similitude compreende que não há união, fusão ou chegada, nem separação; compreende que “aquele que sabe” é Ele e que “aquele que é sabido” é também Ele; que “aquele que vê” é Ele e “aquele que é visto” é também Ele; que “aquele que chega” é Ele e “aquele a quem se chega” na união é também Ele. Nada distinto d' Ele pode juntar-se com Ele ou chegar a Ele. Nada distinto d' Ele pode separar-se d' Ele. Aquele que pode compreender isto total e plenamente, está isento da mais grande das idolatrias.

Muitos dos iniciados que creem conhecer seu “proprium”, assim como a Seu Senhor e que se imaginam escapar assim das ataduras da existência, dizem que a “Via” não é praticável ou visível mais que pelo meio da “extinção da existência” e pela “extinção desta extinção”. Dogmatizam assim porque não compreenderam a palavra do Profeta – Que Allah seja sobre Ele e o salve! - Como quiseram evitar a idolatria que resulta da contradição, falaram da “extinção” da existência e também da “extinção desta extinção” e também da “destruição” e da desapareição. Porém estas explicações caem na idolatria pura e simples, porque qualquer que pense que existe algo distinto d' Ele e que aquele pode apagar-se seguindo, ou qualquer que fala da “extinção da extinção” daquela cousa, tal homem, dizemos nós, é culpável de idolatria por sua afirmação da existência presente ou passada de algo distinto d' Ele. Que Allah – que Seu Nome seja enaltecido! - os conduza, e também a nós, pelo caminho verdadeiro.

Tu pensas que es,  
 Mas não és nem jamais exististe.  
 Se exististe, serias o Senhor,  
 O segundo entre dois.  
 Abandona tal ideia,  
 Porque em nada diferis vós dois  
 Enquanto existentes.  
 Ele não difere de ti e tu não diferes d'Ele;  
 Se por ignorância pensas que és  
 Distinto d'Ele,  
 Queres dizer que tens uma mente

Sem educação.

Quando tua ignorância cessa alcanças a paz,

Porque tua união é tua separação

E tua separação é tua união;

Teu distanciamento, uma aproximação,

E tua aproximação uma despedida.

Sendo assim que te faças melhor,

Cessa de raciocinar e compreende

Pela Luz de tua intuição,

Sem a qual te esqueces de Seu clarão.

Guarda-te de associar um companheiro a Allah,

Porque em tal caso torna-te vil

Com o opróbio dos idólatras.

Se alguém diz: “Pretendes que o conhecimento de teu “proprium” seja a Gnosis, isto é dizer, o Conhecimento de Allah – que Seu Nome seja exaltado! - que o homem é distinto de Allah posto que deve conhecer seu “proprium”. Porém o que é distinto de Allah, como pode conhecê-lo?” A resposta é: “Quem se conhece a si mesmo, conhece a Seu Senhor”. A existência de tal homem não é a sua, nem a de outro, senão a de Allah, sem a fusão de duas existências em uma, sem que a sua existência entre em Allah, saia d 'Ele, conviva com Ele, ou resida n' Ele. Porém Ele vê sua existência tal como é.

Nada chega a ser que não haja existido antes e nada deixa de ser por destruição ou extinção, ou extinção da extinção. A aniquilação de uma coisa implica sua existência anterior. Pretender que uma coisa exista por si mesma equivale a crer que esta coisa se tenha criado por si mesma, que não deve sua existência ao poder de Allah, o que é absurdo aos olhos e aos ouvidos de todos.

Deves observar que o conhecimento que possui aquele que conhece seu “proprium”, é o conhecimento que Allah possui de Seu “proprium”, de si mesmo, porque Seu “proprium” não é distinto d' Ele. O Profeta – que Allah esteja sobre Ele e o salve! - Quis designar por “proprium” o ser mesmo. Qualquer que chegue a este estado de alma, em seu exterior ou em seu interior, não é distinto da existência de

Allah, da palavra de Allah; sua ação é ação de Allah e seu propósito de conhecer seu “proprium” é o propósito da Gnosis, isto é dizer, o Conhecimento de Allah.

Tu abrigas esse propósito, vês seus atos e tua vista busca um homem distinto de Allah, posto que tu te vês a ti mesmo distinto de Allah. Mas esse provém de que no possuiu o conhecimento de teu “proprium”. Porém se o “crente é o espelho do crente”, então esse homem é Ele mesmo por sua substância (n.t: ser), ou por seu olho, isto é dizer, por sua vista. Sua substância, ou seu olho, é a substância, ou o olho de Allah; sua vista é a vista de Allah sem especificação nenhuma. Este homem não é Ele segundo tua visão, tua ciência, tua opinião, tua fantasia, ou teu sonho, senão segundo Sua visão, Sua ciência e Seu sonho. Se diz: “Eu sou Allah”, escuta-o com atenção porque não é ele, senão Allah mesmo quem por sua boca pronuncia estas palavras: “Eu sou Allah”. É evidente que não alcançaste o mesmo grau de despertar espiritual que ele. De outro modo, compreenderias sua palavra, dirias o que ele diz e veria o que ele vê.

Resumamos: O ser das cousas é Sua existência sem que as cousas sejam. Não te deixes enganar pela sutileza ou ambiguidade das palavras, de forma que imagines que Allah tenha sido criado. Certo iniciante disse: “O sufí é eterno”, mas ele falou assim depois que todos os Mistérios lhe foram revelados e todas as dúvidas ou superstições dispersadas. Entretanto, este incomensurável pensamento só pode advir àquele cuja alma se tornou mais vista que os dois mundos. Enquanto aquele cuja alma ainda não alcançou tamanha grandeza, este pensamento não lhe é adequado. Porque em verdade, este pensamento é maior que o mundo sensível e suprassensível, tomados os dois conjuntamente.

Enfim, sabe que “o que vê” e “o que é visto”; “o que dá a existência” e “o que existe”; “o que conhece” e “o que é conhecido”; “o que cria” e “o que é criado”; “o que compreende” e “o que é compreendido” são todos o mesmo. Ele vê Seu ser por Seu ser, o conhece por si mesmo e obtêm por si mesmo, sem nenhuma especificação fora das condições ou normas ordinárias da compreensão, da visão ou do saber. Como Seu ser é incondicionado, Sua visão de Si mesmo, Sua inteligência de Sí-mesmo, e sua ciência de Si mesmo são igualmente incondicionados.

Se alguém pergunta: “Como vêes que o é repulsivo e o que é atraente? Se vêes, por exemplo, uma imundícia ou uma carniça, dirás que é Allah?”. A resposta é: Allah é sublime e puro e não pode ser essas cousas. Nós falamos com ele que não vê uma carniça como uma carniça ou um monturo como monturo. Falamos aos visionários não aos cegos. Aquele que não se conhece é um cego de nascimento e até que não se termine sua cegueira, natural ou adquirida, não poderá compreender o que queremos dizer. Nossa conversação é com Allah, só com Allah e não com os cegos de nascimento. Ele que nos aproximou ao grau espiritual que é necessário para compreender, sabe muito bem que nada existe fora de Allah. Nossa observação é com ele que busca com firme intenção e perfeita sinceridade obter o conhecimento de seu “proprium”, o conhecimento de Allah – que Ele seja exaltado! -, e que em seu coração guarda com todo frescor a “forma” que o move a perguntar e a desejar chegar à Allah. Nosso discurso não se dirige aos que não têm intenção ou finalidade alguma.

Se alguém objeta: Allah – que Ele seja bendito e santificado! - disse: as vistas não podem alcança-Lo, porém Ele alcança as vistas. Tu dizes o contrário, onde está então a verdade”? A resposta é: Tudo o que dissemos está conforme a palavra divina: as palavras não podem alcança-Lo, isto é dizer, nada, nem as palavras de nada, podem alcança-Lo. Se dizes que há no que existe alguém distinto de Ele, deves concordar que esse alguém distinto d' Ele possa alcança-Lo. Porém nestas Suas palavras árabes: “as vistas não podem alcança-Lo”, adverte Allah aos crentes que não há nada distinto d'Ele. Quero dizer que alguém distinto d' Ele não pode alcança-Lo, porque quem alcança é Ele, Allah, Ele e nenhum outro. Só Ele alcança e compreende Sua verdadeira “natureza íntima”, não outro. As vistas não O alcançam porque são estritamente Seu ser.

A propósito do que diz que as vistas não podem alcança-Lo porque são criadas e o criado não pode alcançar o incriado ou eterno, nós dizemos que quem tal diz não conhece ainda seu “proprium”. Não há nada, absolutamente nada; nem vistas nem nenhuma outra cousa, que exista fora d' Ele, senão que Ele compreende Seu próprio ser sem que está compreensão existe de alguma maneira.

Eu conheci a meu Senhor, por meu Senhor, sem confusão, nem dúvida.

Minha “natureza íntima” é Sua,  
Verdadeiramente, sem falta ou defeito.  
Entre nós dois não há tempo  
E em minha alma o mundo oculto se mostra.  
Depois de haver conhecido minha alma  
Sem misturas ou desordem,  
Cheguei a união com o ser do meu amor,  
Sem grandes ou curtas distâncias.  
Recebi as graças, sem que nada a mim desça,  
Sem reprovações nem motivos.  
Não destruí minha alma por Sua causa,  
Nem tenho duração temporal que possa me destruir.

Se alguém pergunta: “Afirmas a existência de Allah e negas a existência de qualquer outra coisa além d' Ele: que são então as cousas que vemos”? A resposta é: estes discursos se dirigem aos que não veem nada além de Allah. Enquanto os que vem cousas fora de Allah, não temos nada com eles, nem pergunta, nem resposta, porque a verdade é que, ainda que creiam outro modo, não veem nada a mais que Allah em tudo quanto veem.

O que não conhece seu “próprio” não vê a Allah, porque nem todo recipiente deixa filtrar seu conteúdo. Nos estendemos já muito sobre esse tema. Ir mais além seria inútil, porque aquele que não o viu não o verá, mesmo pesando nossos esforços. Não compreenderá e não poderá alcançar a verdade. O que pode ver, vê, compreende e alcança a verdade; para que a sua Luz possa encontrar a verdadeira senda, caminhar pelo caminho reto com toda energia e chegar ao fim desse caminho, com a graça de Allah.

Que Allah prepare ao que ama e os acolha com palavras, atos, ciência, inteligência, luz e verdadeira direção!

O todo o podo e responde a toda indagação com a resposta justa!

Não há outro mundo ou poder que o de Allah, o Altíssimo, o Incomensurável!

Que Ele esteja sobre a melhor de sua criatura, sobre o Profeta e sobre todos os membros de sua família!

**PARTE II**

## 2.1 A CONCEPÇÃO E ABORDAGEM PEDAGÓGICA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM E A SUA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

### 2.1.1 A proposta do objeto de aprendizagem e a sua construção

O desafio de um objeto educacional eficiente está ancorado em algumas barreiras institucionalizadas na educação há décadas. Em tempos de informação rápida e superficial, traçar uma estratégia de alcance e interesse dos alunos pode ser bem mais difícil do que parece.

Desconstruir uma ideia equivocada, preconceituosa, e arraigada socialmente dá muito trabalho, necessita de dedicação para apresentação de elementos consistentes, fundados em fontes confiáveis, bem como, o necessário desenvolvimento da empatia e da humanidade.

Abordar assuntos políticos-religiosos em sala de aula vem se mostrando tão desafiador quanto necessário, entretanto, é gritante que entre a legalidade do currículo engessado e o direito de aprender, existe naturalmente a subjetividade daquele que completa o ciclo do processo ensino-aprendizagem: o aluno.

Ao desenvolver o presente objeto de aprendizagem, consideramos a experiência de anos dentro da sala de aula, lecionando a disciplina de História, sem, no entanto, contar com o respaldo de materiais que promovam de fato o conhecimento cultural globalizado que tanto se busca.

Conhecer o Oriente Médio geograficamente, apesar de importante, é muito pouco. Necessitamos de um aprofundamento na cultura islâmica para podermos extinguir qualquer possibilidade de desinformação pautar os pensamentos de nossos alunos.

Neste sentido, o presente objeto educacional tem por objetivo oferecer aos alunos do ensino médio a experiência de adentrar ao território peninsular ibérico, com uma visão histórico-filosófica oriental, pautada nos pensamentos referenciais

dos mestres Averróis e Ibn Arabi.

Através do estudo da relação entre ambos, elementos culturais como política, poder e religião serão capazes de fazer com que o aluno adentre nas discussões filosóficas gregas, porém, pela ótica da cultura islâmica.

A experiência de explorar filósofos como Platão e Aristóteles sob a ótica islâmica trará a possibilidade de alcançarmos discussões altamente relevantes e atuais, principalmente ao transferirmos o protagonismo dos debates aos alunos, assumindo, enquanto professores, a mediação das atividades.

Ao emergir neste cenário, diversas possibilidades se abrirão, tais como a formação de grupos de estudos, desenvolvimento de pesquisas e aprofundamento, através de recursos tecnológicos.

Para contemplar o estudo aqui desenvolvido, materializando nas aulas a pesquisa realizada, foi elaborado um objeto de aprendizagem que consiste em uma sequência didática, denominada “Estudo da filosofia islâmica através de seus mestres”.

A sequência proposta consiste na divisão em quatro módulos, com uma aula semanal, durante o período de um mês.

### **2.1.2 Do público alvo e pedagogia adotada**

O público alvo é composto por alunos das disciplinas de história e filosofia, matriculados no ensino médio.

Importante salientar que a estratégia pedagógica projetada é um norte orientador ao professor, entretanto, não é vinculadora de seu trabalho profissional. Por características próprias de uma sala de aula e suas peculiaridades, o professor deve ter a sensibilidade de promover as adaptações necessárias para a ideal aplicabilidade do objeto de aprendizagem, como ensinam Braga e Menezes.

“Por maior que seja a qualidade de um objeto de aprendizagem produzido, é no momento de sua utilização em sala de aula que o seu potencial pedagógico será aproveitado ou não”. (BRAGA e MENEZES, 2015, p.62)

Sendo assim, utilização da sequência didática “Estudo da filosofia islâmica através de seus mestres”, oferece um conteúdo de relativa complexidade, destacadamente pela escassez de materiais didáticos acerca do tema, se utilizando da pesquisa já realizada e consolidada por este propositor.

Ademais, o atendimento dos descritores orientadores do Ministério da Educação estará plenamente contemplado pela proposta apresentada, sendo garantida a legalidade da aplicação da presente proposta.

Atentos às recentes diretrizes do novo ensino médio, a formação cidadã do aluno ganha cada vez mais espaço dentro das escolas, motivo pelo qual a aplicação do presente trabalho contempla o desenvolvimento das capacidades essenciais da formação do aluno em sua vida social.

Elementos como tolerância, humanidade, respeito ao próximo e às diversidades são latentes na pesquisa que sustentou o presente trabalho, que poderá ser utilizado como ferramenta em um processo de aprendizagem mais global, tão buscado na formação atual de nossos estudantes, conforme Libâneo:

“O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-lo para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social” (Libâneo, 2006, p. 16).

Importante destacar que a integração das disciplinas de história e filosofia não impossibilitam, absolutamente, a participação de outras correlatas, tornando-se ainda mais atrativo o efeito interdisciplinar possibilitado pelo objeto aqui apresentado.

### **2.1.3 Da conformidade entre o conteúdo do objeto de aprendizagem com a legislação educacional vigente**

Em que pese a necessidade de registrar o repúdio à diminuição da carga horária específica da disciplina de História no âmbito estadual de Minas Gerais, através da matriz curricular do ano de 2023, prevista na Resolução SEE nº 4.777 de 13 de setembro de 2022, também devemos tecer considerações acerca das possibilidades ofertadas a partir da publicação da mesma legislação.

Visando atender integralmente o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, mormente no tocante ao pleno desenvolvimento do cidadão: conforme segue:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho

A atual proposta curricular diversificou as disciplinas, abrindo um grande leque de matérias a serem estudadas simultaneamente, tornando necessária a integração entre elas. Tanto assim que, para um professor de escola de pequeno porte, na maioria das vezes, seu cargo não consegue mais ser completado com a disciplina de sua formação específica, acabando por ter que completá-lo como outras aulas, geralmente disciplinas ligadas aos chamados itinerários formativos.

Neste cenário, o conteúdo deste trabalho aponta no sentido da interdisciplinaridade, estando em consonância com o que existe de mais atual em matéria legislativa educacional, contemplando tanto a formação geral básica, como os componentes curriculares dos itinerários formativos.

Segundo o disposto no §7º do art. 26 da Lei no 9.394/96, a integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais.

Desta forma, sendo um dos temas transversais instituídos pelo Ministério da

Educação a pluralidade cultural, o objeto de aprendizagem aqui apresentado está de acordo com a legislação pátria vigente, obedecendo suas mais atuais diretrizes, posto que trabalha diretamente o respeito ao próximo, à diversidade religiosa, à diversidade cultural.

Proporcionar aos alunos as reflexões necessárias para a criação do sentimento de empatia, exercendo a humanidade e semeando uma cultura de paz, ultrapassa os limites legais brasileiros, tais princípios que alcançam as aspirações internacionais exprimidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

#### **2.1.4 Referencial teórico e metodologia e pertinência com as áreas de História Ibérica e de ensino de História**

Este trabalho foi desenvolvido e fundamentado em pesquisa e revisão bibliográfica, caracterizando-se por fundamentos de fontes secundárias, consistente na utilização de artigos, livros dos próprios personagens pesquisados e de seus contemporâneos, contando também com obras de seus comentadores.

Trata-se de um estudo baseado na filosofia de Averróis e Ibn Arabi, adotantes de teses aristotélicas e neoplatônicas, aplicadas e adaptadas dentro da cultura islâmica.

Tais reflexos foram tão significativos que até hoje são colocados entre os grandes pensadores orientais de todos os tempos. Por esse motivo ambos tem sido objeto de estudos cada vez mais frequentes no ocidente, passando a ter obras traduzidas e sendo cada vez mais explorados.

Estudando os mestres do islamismo, conseguimos aprofundar na história, na filosofia, mas sobretudo, na história da filosofia.

Com relação a aderência do trabalho com a história ibérica, esta está fundada no fato de tanto Ibn Arabi quanto Averróis serem personagens marcantes da Península Ibérica, mais especificamente Al-Andalus, embora suas obras e legados tenham extrapolado, e muito, tais fronteiras.

### **2.1.5 O uso de Objetos de Aprendizagem e sua justificativa**

A educação na atualidade enfrenta questionamentos nunca antes vistos. O professor antes mesmo de fazer sua conclusão, já está sendo questionado por um aluno que fez uma busca no site e encontrou a resposta.

Vivemos tempos de adaptação, necessitamos evoluir para conseguirmos acompanhar a evolução da educação.

Aquele modelo de professor transmissor de informações não é mais bem-vindo, hoje os jovens procuram desafios e o professor que consegue estimular seus alunos a buscar o conhecimento está em alta.

A concorrência é desleal, sites, aplicativos, plataformas, canais, tudo parece ser mais atrativo e eficiente que o velho professor lecionando.

Se pensarmos que esse processo ainda está em andamento, o que será do professor daqui 10 ou 20 anos?

Não temos muitas alternativas, portanto, temos que caminhar. Assim estão nascendo novas possibilidades, estão se intensificando as aplicações de materiais tecnológicos no processo ensino-aprendizagem.

Neste cenário, os Objetos de Aprendizagem estão se consolidando como alternativa eficiente para a modernização da forma de lecionar, estando em consonância com as necessidades atuais de planejamento e execução das aulas.

Para LIBÂNEO, toda situação didática na qual se põem objetivos, conhecimentos, problemas, desafios com fins instrutivos e formativos, que incitam as crianças e jovens a aprender pode ser definida como aula (LIBÂNEO, 2006 - Pág.178).

Deste modo, através dos Objetos de Aprendizagem novas perspectivas se abrem, possibilitando que o aluno seja agente de seu próprio desenvolvimento,

capaz de, sob orientação do professor, chegar às respostas que busca e, principalmente, se utilizando de suas experiências pretéritas.

### **2.1.6 Modo de utilização do objeto de aprendizagem em sala de aula, a sequência didática e forma de avaliação**

Segundo Libâneo (2006), o trinômio objetivos-conteúdos-métodos deve orientar o processo didático, onde a associação destes elementos torna-se essencial para o sucesso da empreitada.

Afinal, o conteúdo específico a ser trabalhado necessita ser carregado até seu destinatário, sendo que, o método adotado assumirá característica de meio condutor. Caso esse trajeto seja satisfatório, poderemos afirmar que os objetivos foram alcançados.

Por outro lado, a escolha equivocada de conteúdo ou método, certamente comprometerá o resultado pretendido, dificultando ou impossibilitando que os resultados desejados sejam alcançados.

Na lição de Libâneo (1994, p. 173) os métodos de ensino mais utilizados pelos professores brasileiros são: o método de exposição pelo professor, método de trabalho independente, método de elaboração conjunta, método de trabalho em grupo.

Ainda segundo o autor, nesses métodos, conhecimentos, habilidades e tarefas são lançados pelo professor, seguindo uma condução metódica objetivando consolidar o processo ensino e aprendizagem.

Nessa seara, optamos por adotar no presente trabalho uma sequência didática, fundada no sequenciamento de etapas concatenadas, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular e suas diretrizes.

Ao descrever conceito de sequência didática, PAIS assevera a importância da

experiência obtida através do acompanhamento evolutivo do processo, ou seja, o que ocorre durante a execução do projeto.

Sequência Didática é um conjunto de aulas planejadas e analisadas previamente com a finalidade de observar situações de aprendizagem, envolvendo os conceitos previstos na pesquisa didática [...] tal como acontece na execução de todo projeto, é preciso estar atento durante as sessões ao maior número de informações que podem contribuir no desvelamento do fenômeno investigado. (PAIS, 2001, p.157)

Em outras palavras, pode acabar sendo mais enriquecedor o caminho do que o próprio resultado alcançado, uma vez que, após avançar na sequência didática, os conceitos e previsões iniciais poderão nem se confirmar. Entretanto, em nada comprometeria o objetivo, pois a experiência já teria sido contemplada pelos alunos.

Sendo assim, os debates acerca da filosofia de Averróis e Ibn Arabi poderão sustentar reflexões importantes na formação dos estudantes.

Assuntos delicados como conflitos, intolerância e preconceitos poderiam ser introduzidos através do campo das ideias filosóficas, com fundamentos teóricos introdutórios, para, após estarem subsidiados com informação de qualidade, adentrarmos em rodas de conversas e discussões contemporâneas, dando prosseguimento à nossa sequência didática.

Conforme apresentado, a sequência didática proposta se desenvolverá ao longo de quatro semanas, com uma aula semanal, totalizando quatro aulas.

Ela foi estruturada da seguinte maneira:

**1ª aula** – Apresentação do tema com introdução acerca do cenário vivenciado na Península Ibérica no final do século XII e primeiras décadas do século XIII.

Será ofertado um texto base do professor Gionatan Carlos Pacheco, intitulado “Vida e trabalho de Averróis”, nele é destacada a vida e da grande produção filosófica do mestre do islamismo Averróis, o qual servirá como apresentação do

contexto objeto do estudo. A partir dele será possível promover a indução comparativa entre ocidente e oriente, com o convite a nos transportarmos ao pensamento oriental, através da cultura islâmica e seus filósofos.

Através desse exercício de empatia, procuraremos fomentar nos alunos uma análise crítica, refletindo sobre respeito às diversidades étnicas, religiosas, sexuais, entre outras, visando desconstruir qualquer conceito equivocado ou preconceituoso preexistente.

**2ª aula** – Roda de conversa e início da discussão sobre as percepções do texto proposto, com o professor assumindo a figura de mediador.

Com alguns conceitos já consolidados, neste momento poderemos avançar abrindo para posicionamentos pessoais acerca do material estudado.

Será normal, neste momento, divergências pontuais acontecerem. Devemos estar preparados para mediar os debates, afim de garantir que todos se posicionem de maneira respeitosa e urbana.

O professor também deve assumir o papel questionador, direcionando os debates para os campos foco da pesquisa. Neste cenário, as intervenções deverão limitar-se a provocar o aluno a pensar, não lhe oferecendo respostas prontas.

**3ª aula** – Formação de grupos de até cinco alunos para a elaboração de uma apresentação em formato de seminário, sob orientação do professor.

Com a sequência em andamento, já será capaz de identificar áreas de interesse comum entre os alunos.

Tendo por base temas como a filosofia islâmica, religião, direito e cultura em geral, será o momento de, de acordo com as afinidades demonstradas, realizar a formação de grupos para a elaboração de um seminário avaliativo.

O professor deverá nesta etapa direcionar os temas e contribuir com o

suporte do material didático, deixando livre para que os alunos implementem a utilização de materiais diversos, principalmente com a utilização de recursos tecnológicos.

**4ª aula** – Seminário com duração de 20 minutos de apresentação, seguido de considerações acerca da apresentação por parte do professor, e abertura para questionamentos dos demais alunos.

Neste seminário os alunos deverão apresentar seus trabalhos de forma fundamentada e referenciada.

Como se trata da culminância do projeto, seria ideal mobilizar professores de outras disciplinas, facilitando a fusão de aulas e tendo à disposição mais tempo para as apresentações e questionamentos.

Nesta etapa o professor se coloca na condição de ouvinte avaliador, não realizando intervenções durante a apresentação, tecendo seus eventuais comentários somente ao final.

Durante a apresentação, critérios como organização, participação, fundamentos teóricos e sustentação oral deverão ser avaliados pelo professor, afim de formar a nota que será dada de forma coletiva ao grupo apresentador.

A título de sugestão, considerando que a sequência didática ocupara a metade de um bimestre, a atribuição de cinquenta por cento da nota bimestral para o seminário nos parece o mais razoável, ficando, entretanto, a critério de cada professor orientador essa incumbência.

## 2.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nasceu da ânsia deste subscritor em tentar preencher, minimamente, a lacuna de materiais didáticos referentes à cultura islâmica no nosso país, com destaque aos materiais adotados pela SEE-MG - Secretaria de

Estado de Educação de Minas Gerais.

Além da carência material, também nos preocupa a superficialidade das informações. Em tempos de “*fake news*” pautando discussões políticas, religiosas e até familiares, o espaço escolar não estaria isento de tais mazelas.

Neste sentido, forte nos conceitos da educação libertadora de Paulo Freire, não existe alternativa ao professor de história senão enfrentar essa batalha de desinformação com as armas que possui.

Este estudo, antes de tudo, é um ato de resistência aos que são subjugados e oprimidos todos os dias pelo simples fato de serem diferente, seja por sua cultura, sua cor ou mesmo pelo local que habita.

Imergir nos pensamentos de Averróis e Ibn Arabi, bem como, o Alcorão, a Sharia, e a Suna, nos trouxeram a sensação que o desconhecimento é a grande fábrica de preconceitos e discriminação.

Fazer com que o estudante conheça as diversidades culturais assume um papel primordial na formação das novas gerações. É o que se espera ter conseguido, pelo menos superficialmente, com a cultura islâmica praticada na Península Ibérica.

Se da aplicação deste trabalho, um único aluno conseguir se libertar do processo de desinformação em massa que se encontra em curso, ele já terá alcançado sua finalidade.

## REFERÊNCIAS

MENEZES, L.; BRAGA, J. **Objetos de aprendizagem - introdução e fundamentos**. Santo André: Editora da UFABC, 2014. v. 1.

BRASIL. Congresso Nacional. **Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016**. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm#art19](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm#art19). Acesso em 22 fev. 2022.

CAIMI, F. O que precisa saber um professor de História?. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 2, set. 2007.

BRASIL. Senado Federal. Constituição de 1988 - **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 13 maio 2023.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento**. Ano 2: unidade 6. Brasília, DF: MEC, SEB, 2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; ALBUQUERQUE, R. K. Por que trabalhar com sequências didáticas? *In*: FERREIRA, A. T. B.; ROSA, E. C. S. (Org.). **O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 147-174.

LIBÂNEO, J. C. A Didática e as exigências do processo de escolarização: formação cultural e científica e demandas das práticas socioculturais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 01., 2004, Goiás. **Anais [...]**. Goiás: Revista Plurais, 2004. p.08-14.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994/2006.

LIBÂNEO, J. C. **O essencial da didática e o trabalho de professor em busca de novos caminhos**. São Paulo: [s. n.], 2001. Disponível em: [http://www.ucg.br/site\\_docente/edu/libâneo;pdf.ensino.pdf](http://www.ucg.br/site_docente/edu/libâneo;pdf.ensino.pdf)\_ acesso em 23.11.2023.

PAIS, L. C. **Didática da matemática: uma análise da influência francesa**. 2. ed. Belo

Horizonte: Autêntica, 2001.

## OBJETO DE APRENDIZAGEM

### 3.1 ESTUDO DA CULTURA ISLÂMICA ATRAVÉS DE SEUS MESTRES

Desenvolvido por: **Danilo Silva**

Orientador: **Luiz Eduardo Silva**

Área do Conhecimento/Disciplinas: **História e Filosofia**

Temática: **Consciência Histórica e Combate ao Preconceito**

Link do arquivo com o objeto de Aprendizagem:

<https://drive.google.com/file/d/14tTnrW2L86BQsoxkfQxbAmbB0NkAmZ0/view?usp=sharing>

Esta atividade educativa visa proporcionar aos estudantes do Ensino Médio uma compreensão sobre as continuidades e rupturas dos preconceitos, discriminações e formas de intolerância desde a Idade Média até os dias atuais.

Através de uma abordagem que une história e conscientização social, os alunos serão encorajados a analisar fatos históricos e contemporâneos de intolerância, refletindo sobre as raízes e as manifestações do preconceito.

Para isso, conhecimentos relativos a aspectos da cultura islâmica vivenciada no mundo islâmico, em especial na Península Ibérica no final do século XII e primeiras décadas do século XIII serão utilizados.

Com um viés que envolve poder, política e religião, conceitos e reflexões serão trabalhados de forma a fazer o aluno pensar se colocando no lugar do outro, simulando situações ocorridas ao longo da história, capazes de provocar a empatia dentro de cada um.

A metodologia ativa da Sala de Aula Invertida será empregada, onde a pesquisa e o estudo prévio dos alunos são essenciais para um debate rico e produtivo em sala.

Ao estabelecer conexões entre o passado e o presente, a atividade buscará promover uma compreensão crítica das formas de discriminação e a importância do respeito às diferenças, visando a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

### **3.1.1 Objetivos de Aprendizagem**

O objetivo desta atividade é apresentar um pouco do pensamento filosófico islâmico aos alunos, através de pensamentos e obras de dois dos principais expoentes da filosofia medieval.

Espera-se que assuntos atuais façam parte desta discussão, partindo do princípio do respeito mútuo que orientou a relação entre os mestres Averróis e Ibn Arabi, que, muito embora divergissem em suas interpretações aristotélicas e platônicas, se respeitavam fortemente.

Buscar-se-á também promover uma reflexão crítica acerca dos impactos dessas interpretações na formação social e cultural das sociedades e estimular a consciência sobre a importância dos direitos humanos, do respeito às diferenças e do combate à intolerância.

Tal empreitada pedagógica almeja não apenas o conhecimento teórico, mas também o desenvolvimento de habilidades de empatia, respeito mútuo e ação cidadã.

### **3.1.2 Conteúdo Programático**

A base teórica contemplará os conceitos filosóficos ligados à cultura islâmica, com ênfase no combate a discriminação e intolerância, com uma análise detalhada de casos históricos da Idade Média, tais como a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica, a relação entre cristãos e muçulmanos, e as ocupações geográficas e suas batalhas pelos territórios.

O conteúdo visa proporcionar um panorama abrangente sobre cenários contemporâneos, buscando fundamentos históricos que possam explicar tais fenômenos. Tal proposta buscará a conscientização sobre a necessidade de se erradicar preconceitos e discriminações de todas as naturezas, enfatizando a importância do respeito às diferenças e da promoção dos direitos humanos.

### **3.1.3 Metodologia**

A metodologia ativa Sala de Aula Invertida será central neste roteiro. Os

estudantes deverão realizar uma pesquisa prévia sobre os temas propostos, interpretando a essência da filosofia medieval.

Em sala, este conteúdo será debatido em grupos, com os alunos apresentando suas descobertas e relacionando-as com teorias e conceitos discutidos pelo professor, fazendo um paralelo de passado e atualidade.

Essa abordagem facilitará a participação ativa dos estudantes, a troca de ideias e o desenvolvimento crítico do tema.

#### **3.1.4 Cronograma**

A atividade será realizada em quatro aulas de 50 minutos cada. Na primeira aula, ocorrerá a apresentação do tema com introdução acerca do cenário vivenciado na Península Ibérica no final do século XII e primeiras décadas do século XIII.

Na segunda aula, será promovida uma roda de conversa e ocorrerá o início das discussões sobre as percepções do texto proposto, com o professor assumindo a figura de mediador.

Já na terceira aula, divididos em grupos de até cinco alunos, eles irão elaborar uma apresentação em formato de seminário, sob orientação do professor.

Por fim, na quarta e última aula desta sequência, haverá a apresentação dos seminários. Por se tratar da culminância do projeto, bem como da necessidade de mais tempo disponível, propõe-se que envolva-se um maior número de aulas e de professores.

#### **3.1.5 Avaliação**

A avaliação será realizada com base na participação ativa dos alunos durante as discussões em classe, na qualidade e profundidade da pesquisa prévia, e na contribuição individual e coletiva para a criação do seminário.

Será valorizada a capacidade de análise crítica, a articulação com o conteúdo teórico e a criatividade.

Exemplos de critérios incluem: clareza na exposição, relevância das conexões históricas feitas, engajamento durante as atividades em grupo, organização, fundamentos teóricos e sustentação oral.

### **3.1.6 Materiais e ferramentas**

Os recursos incluirão artigos acadêmicos e outras fontes de pesquisa recomendadas pelo professor para o estudo prévio.

Em sala, serão utilizados quadro, projetor para apresentações e um espaço para as apresentações dos seminários.

Também serão incentivados o uso de tecnologias digitais, como plataformas de colaboração online, para facilitar a pesquisa e a troca de informações entre os alunos.

## **3.2 1ª AULA – TEXTO “VIDA E TRABALHO DE AVERRÓIS”**

Bom dia a todos!

Hoje daremos início ao trabalho que nos proporcionará uma viagem à cultura islâmica vivenciada na Península Ibérica no final do século XII e primeiras décadas do século XIII.

Para isso, vou distribuir o texto “Vida e trabalho de Averróis” do professor Gionatan Carlos Pacheco, que foi publicado em julho de 2020, pela revista *Intelligere*, Revista de História Intelectual, em sua edição número 09, disponível em <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/165135>.

Nesse texto, que trata da vida e da grande produção filosófica do mestre do islamismo Averróis, poderemos verificar vários elementos da cultura islâmica.

Poderemos verificar que Ibn Rushd, ocidentalmente conhecido como Averróis, nasceu em Córdoba no ano de 1126, além de filósofo, destacou-se como médico e juiz, responsável por julgar com base no direito religioso islâmico. Além disso, sua formação nos mais diversos campos, tais como, teologia, matemática e astronomia, também chamam a atenção para a amplitude de seus conhecimentos.

Tais competências foram essenciais para que o mestre fosse considerado o

maior comentador das obras e do pensamento de Aristóteles, ficando sob sua responsabilidade grande parte das traduções do filósofo grego.

Peço que vocês se concentrem nos cenários narrados, nas relações de poder envolvendo os personagens citados e, principalmente, como a religião influenciava o cotidiano dos muçulmanos na Península Ibérica.

Alguns conceitos para esse primeiro momento serão fundamentais, tais como Aristotelismo, Neoplatonismo, localização geográfica da Península Ibérica, Oriente e Ocidente, então peço que se utilizem da pesquisa por meios tecnológicos para auxiliarem na leitura indicada.

É importante o compromisso de cada um para que na próxima aula todos tenham conhecimentos suficientes sendo capazes de produzirem um debate fundamentado e com embasamento teórico.

Até a próxima aula. (TEXTO ANEXO)

### 3.3 2ª AULA – RODA DE CONVERSA

Discussão sobre as percepções do texto proposto, com o professor assumindo a figura de mediador.

Olá alunos, espero que estejam bem.

Como dito anteriormente, hoje passaremos ao estudo do texto, para tanto, gostaria que iniciassem destacando aquilo que mais lhes chamou a atenção durante a leitura.

*(rodada de fala dos alunos)*

Com base nas falas aqui apresentadas, gostaria de levantar uma questão:

Com relação ao posicionamento de Averróis alinhado ao Aristotelismo, ou seja, no pensamento dele, o conhecimento seria alcançado pela reflexão, acredito que vocês consigam extrair isso do texto com relativa facilidade.

Entretanto, apresento para vocês um contraponto interessante, chamado Ibn Arabi, também conhecido como “o mestre maior”, pensador andaluzino da linha mística, que nasceu em Múrcia, e viveu entre 1165 e 1240.

Ao contrário de Averróis, Ibn Arabi adotava o pensamento Neoplatônico, pelo

qual acreditava que o conhecimento seria alcançado através da visão mística.

Gostaria da opinião de vocês com relação à importância da filosofia grega no cenário peninsular sob influência muçulmana, como vocês enxergam essa integração cultural através da filosofia?

(rodada de fala dos alunos)

Obviamente não poderíamos deixar de utilizar o exemplo para citar a questão da intolerância e do preconceito. Estamos diante de um exemplo onde o pensamento ocidental influencia o oriental, onde mestres do islamismo divergem baseados em teorias gregas, entretanto, o respeito mútuo orienta essa relação, ao ponto de Ibn Arabi reconhecer ser Averróis um fomentador de seus estudos.

Estamos diante de um ótimo exemplo de que o conflito de ideias não pode se tornar um conflito físico, responsável por dividir nações, dizimar povos e segregar pessoas. Talvez esteja aí uma das razões para tanta intolerância, preconceito e tantas outras mazelas sociais atuais.

Agradeço a todos, e na próxima aula passaremos à escolha dos temas dos seminários, bem como, faremos uma breve introdução sobre cada um deles.

Até lá.

### 3.4 3ª AULA – FORMAÇÃO DE GRUPOS

Com até cinco alunos por grupo, realizar a elaboração de uma apresentação em formato de seminário, sob orientação do professor.

Bom dia! Vamos dar sequência aos trabalhos.

Agora, temos que promover a formação dos grupos e a distribuição dos temas que serão abordados por cada um.

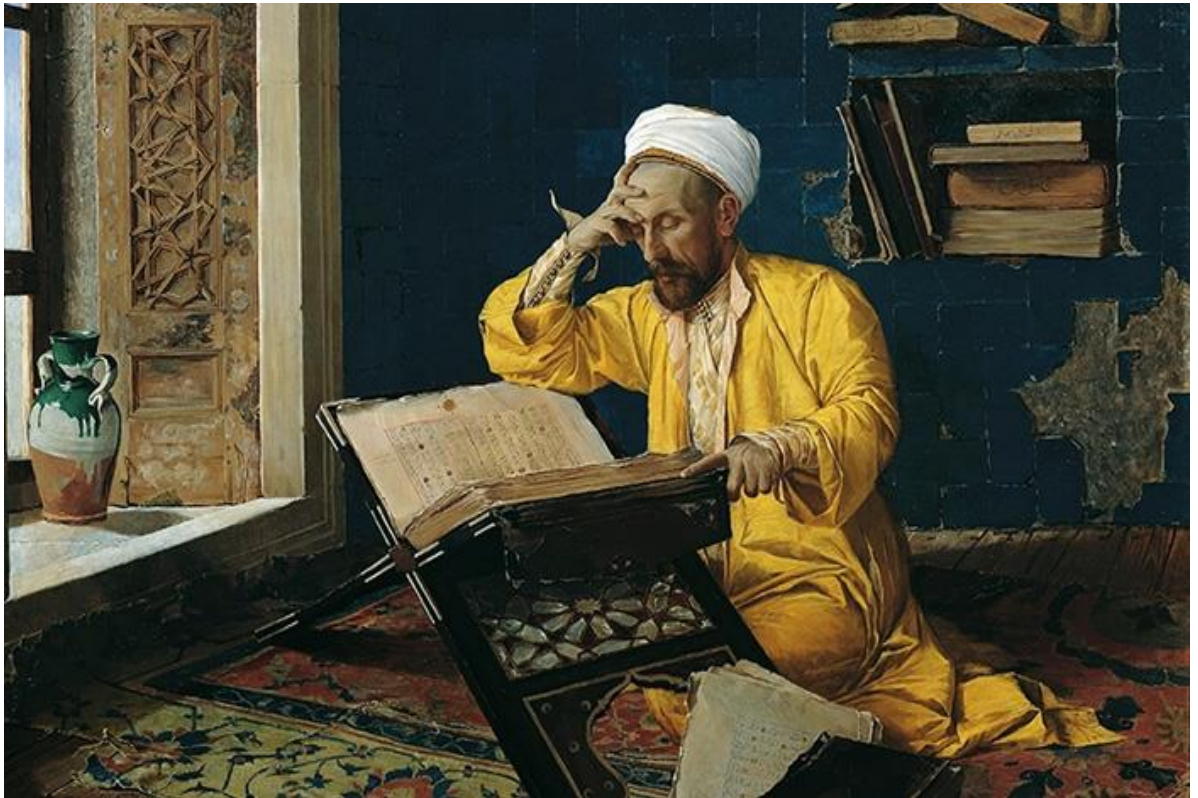
Promoveremos as atribuições dos temas de acordo com o interesse de cada grupo.

Pelo número de alunos que temos, formaremos quatro grupos.

Estou deixando livre para que os alunos implementem a utilização de materiais diversos, principalmente com a utilização de recursos tecnológicos.

Passaremos à divisão, tendo por base os seguintes temas:

### 3.4.1 1º Tema – A filosofia islâmica



Explorar questões fundamentais sobre a existência, a moralidade, o conhecimento e a natureza de Deus, dentro do contexto da tradição islâmica, é o desafio da filosofia islâmica. Com destaque para seu desenvolvimento durante a Idade Média, essa filosofia se desenvolveu a partir do contato com a filosofia grega antiga, especialmente com as obras de Platão e Aristóteles.

Utilizando o texto *“História e Filosofia: A relação de Averróis com Ibn Arabi: A inspiração um grande mestre do islamismo”* de Danilo Silva, teremos a oportunidade de estudar alguns impactos no pensamento ocidental, especialmente durante a Idade Média, quando os escritos de filósofos islâmicos foram traduzidos para o latim e influenciaram o desenvolvimento da filosofia escolástica na Europa.

### 3.4.2 2º Tema – O Islamismo como religião



Alá, Maomé, Alcorão, o islamismo como religião apresenta suas especificidades e estrutura muito bem definidas.

Conhecer a essência religiosa do islamismo contribui para a diminuição de preconceitos infundados e associações errôneas.

A riqueza cultural religiosa do islamismo é gigantesca, através dessa apresentação vamos buscar, com muito respeito, adentrar nesse universo de devoção, tradições e muita riqueza cultural.

O material sugerido é oriundo do artigo de Daniel Neves Silva, denominado “Islamismo”, disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/islamismo.htm>.

O artigo está estruturado em cinco tópicos e apresenta origem, princípios e pilares do Islamismo, bem como, em sua parte final, as vertentes adotadas dentro da religião.

### 3.4.3 3º Tema - Direito Islâmico



A Lei Islâmica é composta por um conjunto jurídico complexo, com orientações e interpretações baseadas no Corão.

A chamada Sharia concentra jurisprudências e condutas ligadas ao profeta Maomé, bem como, interpretações dos estudiosos islâmicos, através da *fatwas*.

Imergir nesse universo que mistura leis, costumes, jurisprudências e fé, nos afastará um pouco do tradicional direito positivo ocidental que conhecemos, entretanto, será um grande exercício para conhecermos os fundamentos desse importante conjunto de normas oriental.

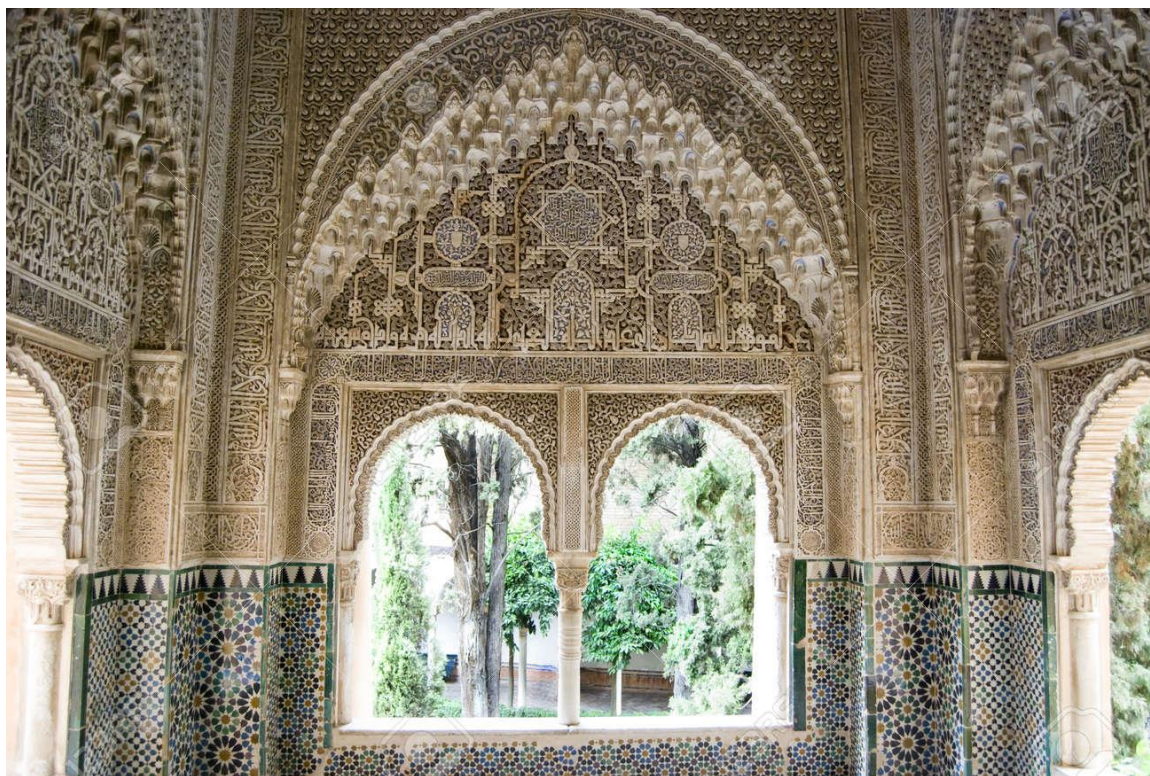
Espera-se através desse exercício proporcionar a vocês uma experiência nova, pensando o direito de forma diferente, menos relacionado ao tradicional processo legislativo, conforme ocorre em nosso país, e mais alinhado com as tradições, costumes e revelações da cultura islâmica.

Como base para nossos estudos utilizaremos o artigo publicado na “Revista Filosofia do Direito e Intersubjetividade” ISSN 1984- 5650, por Rebeca da Silva R. dos Santos, em seu volume 4, nº 1 do ano de 2024, denominado “Uma Análise Histórico-

Cultural da Formação da Lei Islâmica”.

O artigo poderá ser encontrado e acessado através do site: <https://www.univali.br/graduacao/direito-itajai/publicacoes/revista-filosofia-do-direito-e-intersubjetividade/edicoes/Lists/Artigos/Attachments/134/1-17-uma-analise-historico-cultural-da-formacao-da-lei-islamica.pdf>.

#### 3.4.4 4º Tema - Arquitetura islâmica



Reconhecida como uma das arquiteturas mais belas e suntuosas existente, a arquitetura islâmica é um misto de beleza, sofisticação e expressão de poder.

Com linhas bem definidas, abóbodas, cúpulas e muitas pedras, a beleza e a força das edificações remetem há tempos da pujança árabe nos territórios onde dominaram.

Este exercício vai nos levar a verificar que, mesmo em lugares retomados pelos cristãos, a arquitetura islâmica permanece imponente.

Neste ponto, peço que direcionem o trabalho para a arquitetura islâmica de Al-Andalus, símbolo do domínio muçulmano da Península Ibérica.

Para esse tema iremos utilizar o artigo de Ceci Maria Costa Baptista Mariani e Atila Kus, denominado “Arquitetura islâmica nas mesquitas e seus efeitos sobre os adeptos”, publicado pela Revista de Estudos da Religião - REVER, da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, volume 19, n. 1, de janeiro de 2019, disponível em <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/42708>.

Além desse material, sugiro que também consultem o artigo de Elaine Cristina Senko, denominado “A Arte e Arquitetura Islâmica na Idade Média e a Representação do Poder Andaluz: A Mesquita Maior de Córdoba (Séc. VIII), apresentado no III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, ocorrido entre 03 a 06 de maio de 2011 em Londrina – PR, podendo ser consultado em <https://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Elaine%20Cristina%20Senko.pdf>.

### 3.5 4ª AULA – SEMINÁRIO

Com duração de vinte minutos de apresentação, seguido de considerações acerca da apresentação por parte do professor, e abertura para questionamentos dos demais alunos.

Bom dia a todos!

Hoje é um dia importante, como se trata da culminância do projeto, serão mobilizados todos os professores, realizamos junção das aulas, garantindo tempo suficiente para apresentações, considerações e questionamentos.

Vocês terão 20 minutos para apresentação do seminário, após os professores poderão fazer seus apontamentos, sem seguida abriremos para os colegas que assistiram fazerem perguntas.

Ressalto que, durante a apresentação, critérios como organização, participação, fundamentos teóricos e sustentação oral serão avaliados, afim de formar a nota que será atribuída ao grupo apresentador, entretanto, o percurso de desenvolvimento do trabalho e o envolvimento dos alunos também serão objeto de avaliação.

Agradeço a presença de todos.

O primeiro grupo a apresentar tem a palavra.

(apresentação do primeiro grupo)

Obrigado pela apresentação, farei alguns breves comentários.

(comentários do professore)

Abro a palavra para os alunos que assistiram a apresentação questionarem os colegas.

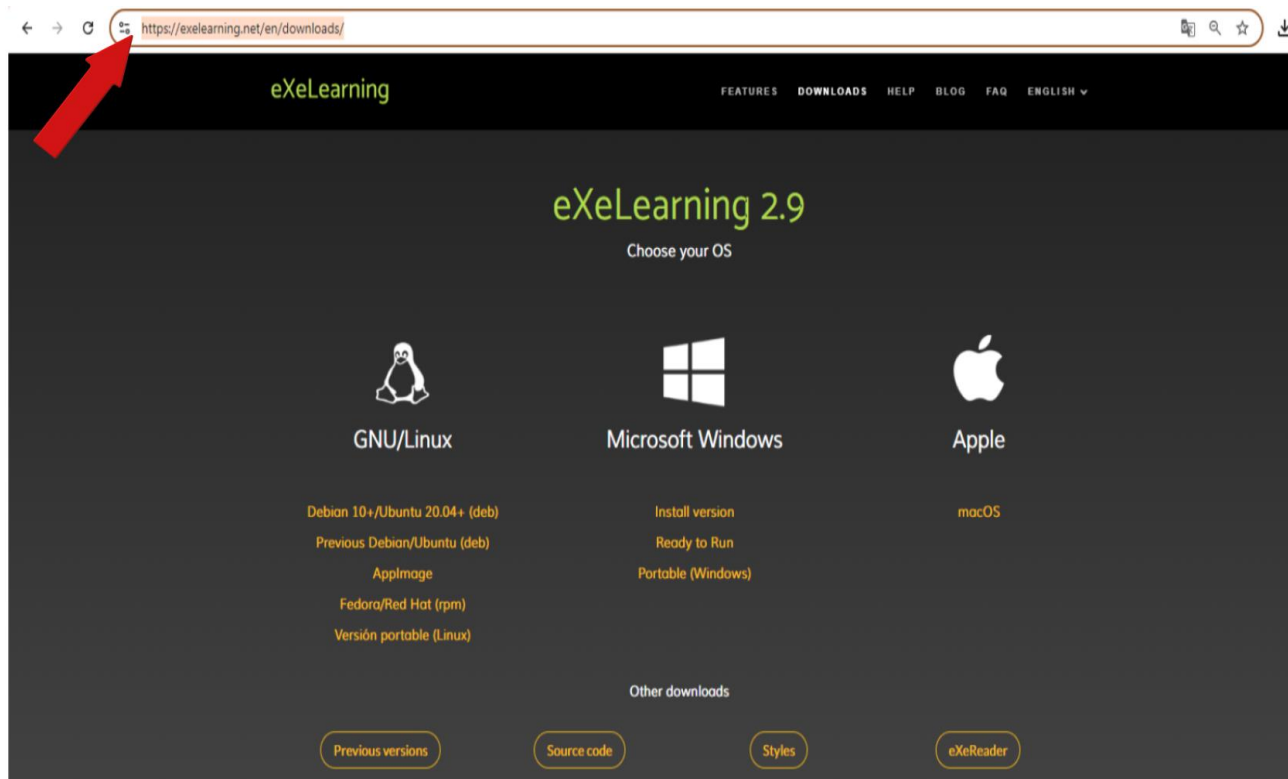
(questionamento dos demais alunos)

Não havendo mais perguntas, encerramos nosso projeto, agradeço o envolvimento e a dedicação de todos, muito obrigado!

### 3.6 EXEARNING COMO RECURSO TECNOLÓGICO PARA A APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

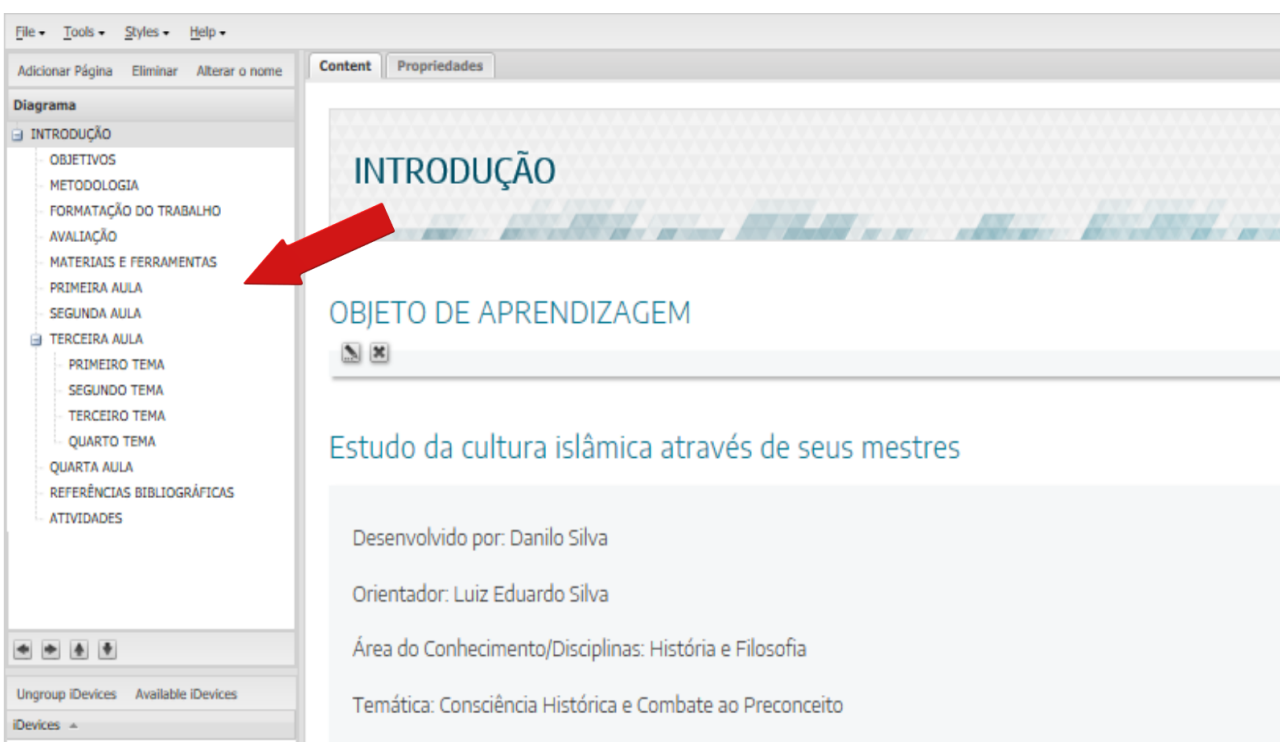
O eXeLearning é um software livre e gratuito desenvolvido com o objetivo de proporcionar a criação de conteúdo educacional interativo.

O software está disponível para download no site <https://exelearning.net/en/downloads/>, sendo compatível com os mais diversos sistemas operacionais.



O programa é amplamente utilizado para desenvolver materiais de aprendizagem online e pode ser uma ferramenta muito útil para educadores e desenvolvedores de cursos.

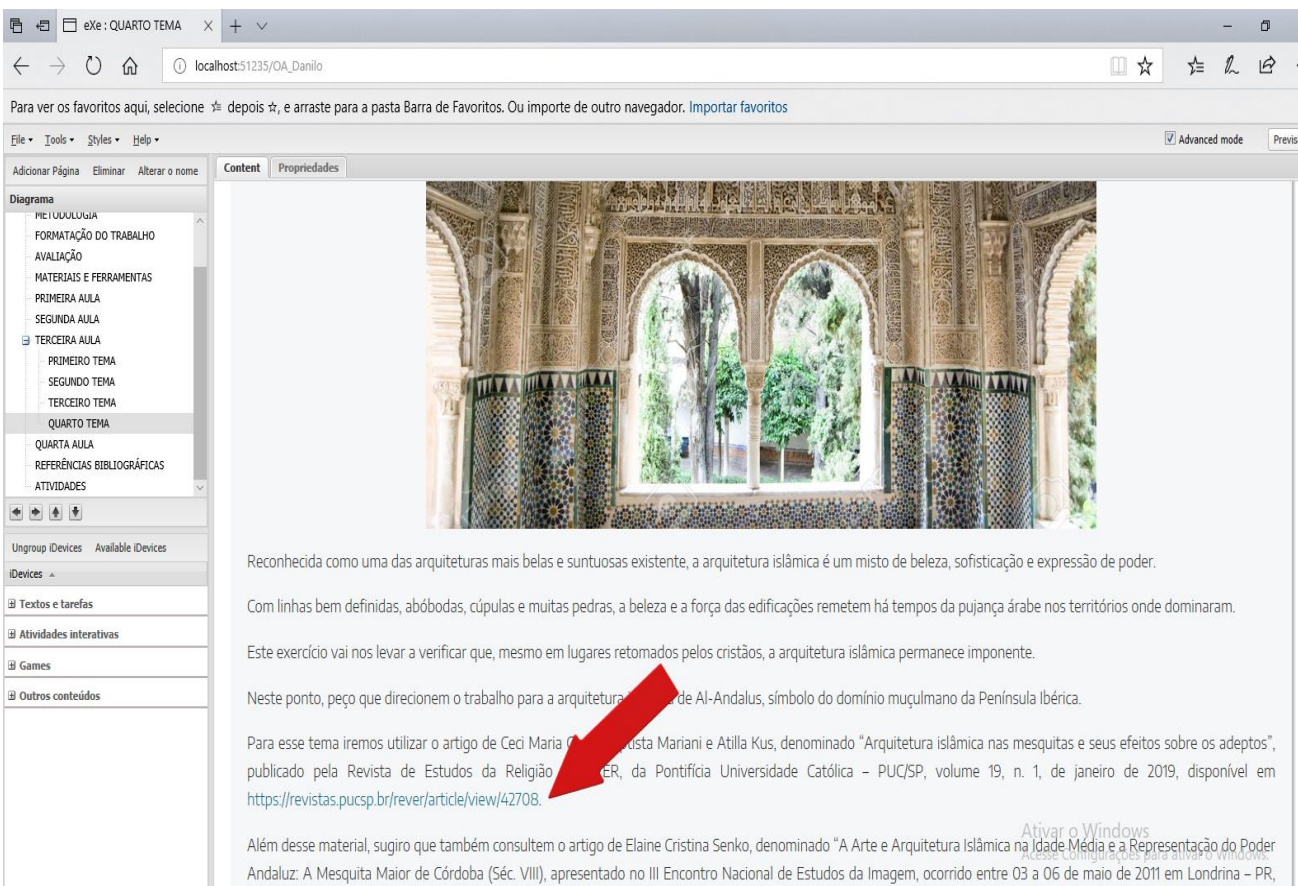
Para apresentar a sequência didática proposta na presente pesquisa o eXeLearning foi utilizado para organização do conteúdo em módulos e unidades, facilitando a navegação e a estruturação do material.



Além disso, a possibilidade de incluir texto, imagens, vídeos e outros recursos multimídia, favorece e torna atrativo o processo de ensino e aprendizagem.

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'localhost:51235/OA\_Danilo'. The page title is 'A filosofia islâmica'. On the left, there is a 'Diagrama' (Diagram) sidebar with a tree structure of navigation items: 'PRIMEIRO TEMA', 'SEGUNDO TEMA', 'TERCEIRO TEMA', 'QUARTO TEMA', 'QUARTA AULA', 'REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS', and 'ATIVIDADES'. A red arrow points to this sidebar. The main content area has a heading 'A filosofia islâmica' and a large image of a man in a yellow robe sitting on a rug, reading a book. A red arrow points to this image. Below the image is a paragraph of text: 'Explorar questões fundamentais sobre a existência, a moralidade, o conhecimento e a natureza de Deus, dentro do contexto da tradição islâmica, é o desafio da filosofia islâmica. Com destaque para seu desenvolvimento durante a Idade Média, essa filosofia se desenvolveu a partir do contato com a filosofia grega antiga, especialmente com as obras de Platão e Aristóteles.'

A possibilidade de gerar links para acesso direto dentro do texto, fazendo com que o aluno seja direcionado de imediato para a página da referência ou do material de apoio, também proporciona uma experiência interativa eficiente para o aluno.



Para ver os favoritos aqui, seleccione depois ☆, e arraste para a pasta Barra de Favoritos. Ou importe de outro navegador. Importar favoritos

File • Tools • Styles • Help • Advanced mode Previsão

Adicionar Página Eliminar Alterar o nome Content Propriedades

Diagrama

- PIE LUDOLÓGIA
- FORMATAÇÃO DO TRABALHO
- AValiação
- MATERIAIS E FERRAMENTAS
- PRIMEIRA AULA
- SEGUNDA AULA
- TERCEIRA AULA
- QUARTO TEMA
- QUARTA AULA
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
- ATIVIDADES

Ungroup Devices Available Devices

Devices

- Textos e tarefas
- Atividades interativas
- Games
- Outros conteúdos

Reconhecida como uma das arquiteturas mais belas e suntuosas existente, a arquitetura islâmica é um misto de beleza, sofisticação e expressão de poder.

Com linhas bem definidas, abóbodas, cúpulas e muitas pedras, a beleza e a força das edificações remetem há tempos da pujança árabe nos territórios onde dominaram.

Este exercício vai nos levar a verificar que, mesmo em lugares retomados pelos cristãos, a arquitetura islâmica permanece imponente.

Neste ponto, peço que direcionem o trabalho para a arquitetura islâmica de Al-Andalus, símbolo do domínio muçulmano da Península Ibérica.

Para esse tema iremos utilizar o artigo de Ceci Maria (et al.), de Cecília Mariani e Atilla Kus, denominado "Arquitetura islâmica nas mesquitas e seus efeitos sobre os adeptos", publicado pela Revista de Estudos da Religião – REVER, da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, volume 19, n. 1, de janeiro de 2019, disponível em <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/42708>.

Além desse material, sugiro que também consultem o artigo de Elaine Cristina Senko, denominado "A Arte e Arquitetura Islâmica na Idade Média e a Representação do Poder Andaluz: A Mesquita Maior de Córdoba (Séc. VIII), apresentado no III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, ocorrido entre 03 a 06 de maio de 2011 em Londrina – PR,

Além disso, como exercícios de fixação, o Objeto de Aprendizagem apresentado através do eXeLearning possibilita atividades diversas, fazendo com que o aluno se sinta desafiado e motivado a resolver as questões propostas, obtendo a correção instantaneamente.

No exemplo abaixo, uma questão de verdadeiro ou falso.

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'localhost:51235/OA\_Danilo'. The page content is as follows:

**ATIVIDADES**

**Perguntas de verdadeiro ou falso**

Ibn Arabi viveu entre 1165 e 1240, também conhecido como "o mestre maior" ou "o mestre por excelência", pensador andaluzino da linha mística, nasceu em Múrcia, em Al-Andalus.

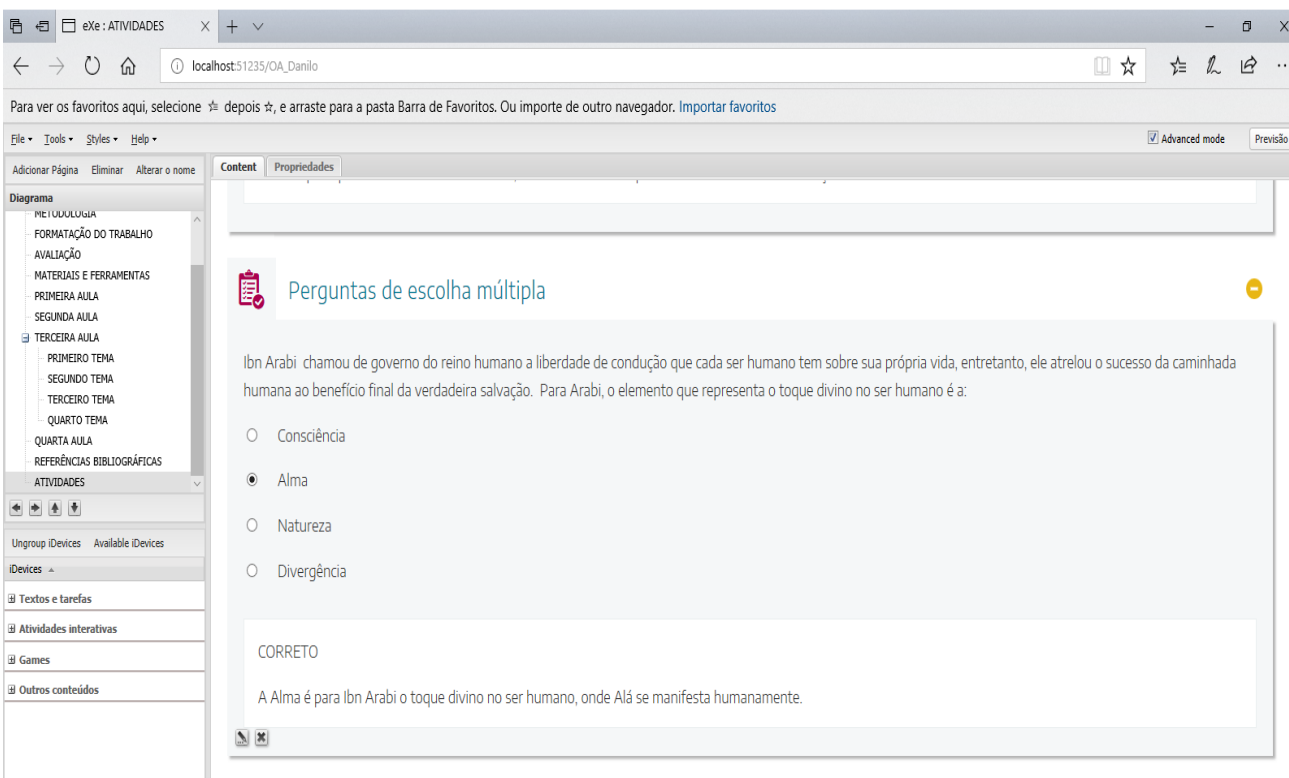
Segundo Ibn Arabi, o conhecimento seria alcançado pelo homem através do desenvolvimento de sua visão mística.

Verdadeiro  Falso

**Correto**

Um dos principais defensores do Misticismo, Ibn Arabi afirmava que o homem somente iria alcançar o conhecimento através da linha mística.

A seguir, uma questão baseada na pesquisa para ser respondida com escolha múltipla. Tão logo seja respondida, a correção aparece sinalizando se a resposta está correta ou incorreta, além de oferecer em seguida um breve comentário sobre a resposta.



The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'localhost:51235/OA\_Danilo'. The page content is titled 'Perguntas de escolha múltipla' (Multiple-choice questions). The main text of the question reads: 'Ibn Arabi chamou de governo do reino humano a liberdade de condução que cada ser humano tem sobre sua própria vida, entretanto, ele atrelou o sucesso da caminhada humana ao benefício final da verdadeira salvação. Para Arabi, o elemento que representa o toque divino no ser humano é a:'. Below the text are four radio button options: 'Consciência', 'Alma', 'Natureza', and 'Divergência'. The 'Alma' option is selected. Below the options, the word 'CORRETO' is displayed, followed by the feedback text: 'A Alma é para Ibn Arabi o toque divino no ser humano, onde Alá se manifesta humanamente.' The browser's left sidebar shows a navigation menu with categories like 'Diagrama', 'PRIMEIRO TEMA', 'SEGUNDO TEMA', 'TERCEIRO TEMA', 'QUARTO TEMA', 'REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS', and 'ATIVIDADES'.

Outro exemplo é a atividade de natureza conceitual, com a possibilidade de ocultar palavras do texto, oferecendo alternativas que completam a frase de forma correta. Exercício muito eficaz na fixação de conceitos e definições.

Por fim, a título de ilustração da palestra citada na pesquisa que originou este Objeto de Aprendizagem, bem como, aproveitando o recurso de inclusão de vídeos, disponível no eXeLearning, foi realizada a inserção da gravação da palestra realizada no ano de 2016, por Francisco López Cedeño, no Instituto Español Melchor de Jovellanos, em Al Hoceima, no Marrocos.

O vídeo foi incluído através de sua URL na plataforma do YouTube.

OBJETO DE APRENDIZAGEM - DANILO SILVA - PPGHI - UNIFAL

Anterior

INTRODUÇÃO

OBJETIVOS

METODOLOGIA

FORMATAÇÃO DO TRABALHO

AValiação

MATERIAIS E FERRAMENTAS

PRIMEIRA AULA

SEGUNDA AULA

TERCEIRA AULA


QUARTA AULA


ATIVIDADES

[PALESTRA DE FRANCISCO LÓPEZ CEDEÑO \(2016\)](#)

PALESTRA DE FRANCISCO LÓPEZ CEDEÑO (2016) Menu

Palestra



Assistir no  YouTube

Ativar o Windows  
Acesse Configurações para ativar o Windows

Em síntese, o eXeLearning foi escolhido como recurso tecnológico para a apresentação deste Objeto de aprendizagem pela sua versatilidade, e, principalmente, por se tratar de programa de código aberto.

Sua relativa simplicidade operacional combina com o ambiente de trabalho deste autor, qual seja, o sistema prisional, mais especificamente a educação carcerária do Presídio de Varginha – MG, onde exerce o cargo de gestor e é testemunha das dificuldades e, muitas vezes, ausência de recursos básicos, como, por exemplo, computadores com acesso à internet na escola da unidade prisional.